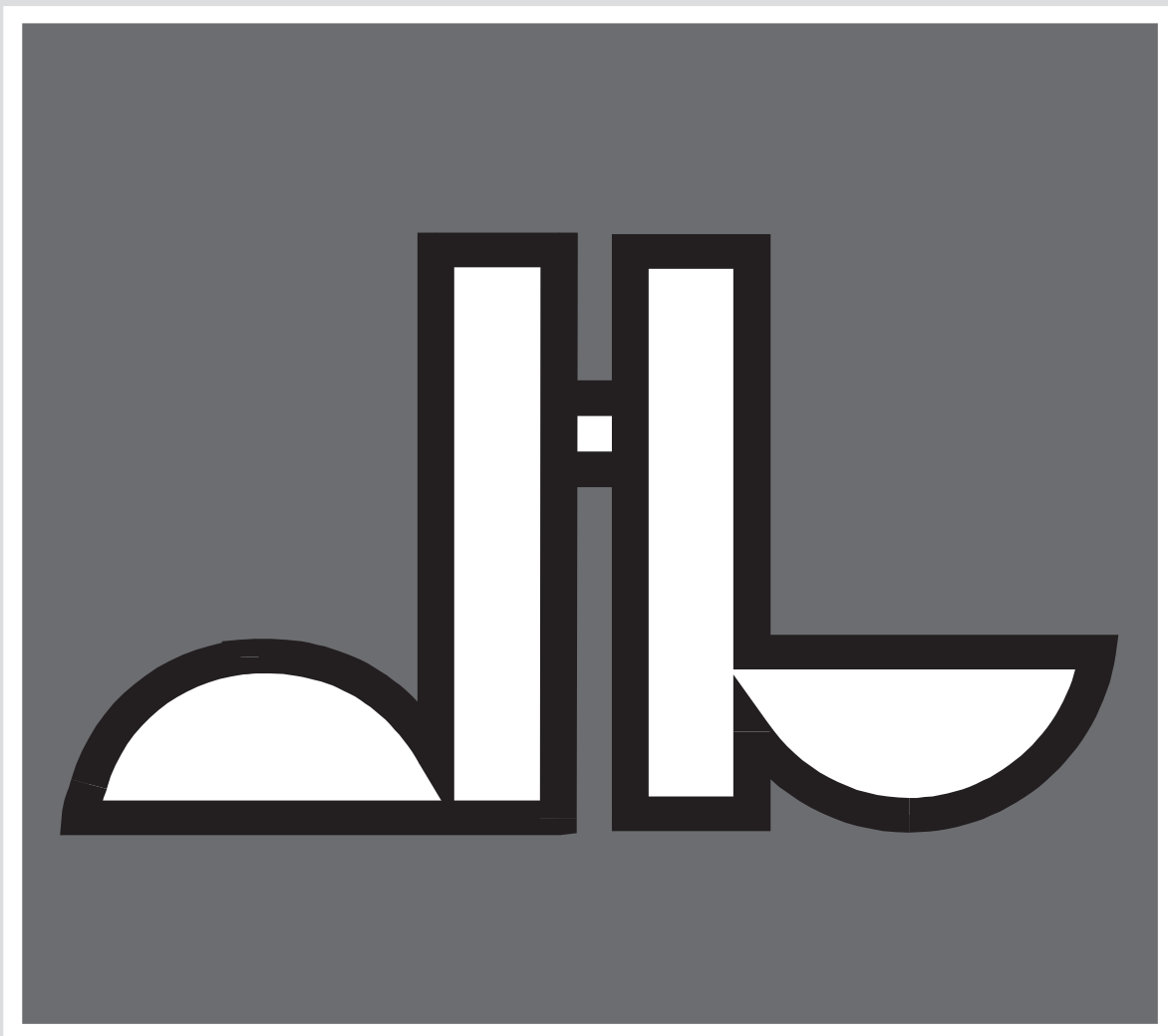




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL**  
**SESSÃO CONJUNTA**

---

ANO LXVII - Nº 008 - TERÇA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 2012 - BRASÍLIA-DF

---

## COMPOSIÇÃO DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL

<p style="text-align: center;"><b>Presidente</b> Senador José Sarney (PMDB/AP)</p> <p style="text-align: center;"><b>1ª Vice-Presidente</b> Deputada Rose de Freitas (PMDB/ES)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º Vice-Presidente</b> Senador Waldemir Moka (PMDB/MS) <sup>3 e 4</sup></p> <p style="text-align: center;"><b>1º Secretário</b> Deputado Eduardo Gomes (PSDB/TO)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º Secretário</b> Senador João Ribeiro (PR/TO) <sup>2</sup></p> <p style="text-align: center;"><b>3º Secretário</b> Deputado Inocêncio Oliveira (PR/PE)</p> <p style="text-align: center;"><b>4º Secretário</b> Senador Ciro Nogueira (PP/PI)</p>	
<p style="text-align: center;"><b><u>Mesa do Senado Federal</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b>Presidente</b> José Sarney (PMDB/AP)</p> <p style="text-align: center;"><b>1ª Vice-Presidente</b> Marta Suplicy (PT/SP)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º Vice-Presidente</b> Waldemir Moka (PMDB/MS) <sup>3 e 4</sup></p> <p style="text-align: center;"><b>1º Secretário</b> Cícero Lucena (PSDB/PB)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º Secretário</b> João Ribeiro (PR/TO) <sup>2</sup></p> <p style="text-align: center;"><b>3º Secretário</b> João Vicente Claudino (PTB/PI)</p> <p style="text-align: center;"><b>4º Secretário</b> Ciro Nogueira (PP/PI)</p> <p style="text-align: center;"><b>Suplentes de Secretário</b> <b>1º</b> - Casildo Maldaner (PMDB-SC) <sup>1, 5, 6 e 7</sup></p> <p style="text-align: center;"><b>2º</b> - João Durval (PDT/BA)</p> <p style="text-align: center;"><b>3ª</b> - Maria do Carmo Alves (DEM/SE)</p> <p style="text-align: center;"><b>4ª</b> - Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM)</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Mesa da Câmara dos Deputados</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b>Presidente</b> Marco Maia (PT/RS)</p> <p style="text-align: center;"><b>1ª Vice-Presidente</b> Rose de Freitas (PMDB/ES)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º Vice-Presidente</b> Eduardo da Fonte (PP/PE)</p> <p style="text-align: center;"><b>1º Secretário</b> Eduardo Gomes (PSDB/TO)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º Secretário</b> Jorge Tadeu Mudalen (DEM/SP)</p> <p style="text-align: center;"><b>3º Secretário</b> Inocêncio Oliveira (PR/PE)</p> <p style="text-align: center;"><b>4º Secretário</b> Júlio Delgado (PSB/MG)</p> <p style="text-align: center;"><b>Suplentes de Secretário</b> <b>1º</b> - Geraldo Resende (PMDB/MS)</p> <p style="text-align: center;"><b>2º</b> - Manato (PDT/ES)</p> <p style="text-align: center;"><b>3º</b> - Carlos Eduardo Cadoca (PSC/PE)</p> <p style="text-align: center;"><b>4º</b> - Sérgio Moraes (PTB/RS)</p>

**Notas:**

- 1- Em 29-3-2011, o Senador Gilvam Borges licenciou-se nos termos do art. 43, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, por 121 dias, conforme RQS nº 291/2011, deferido na Sessão do Senado Federal de 29-3-2011.
- 2- Em 3-5-2011, o Senador João Ribeiro licenciou-se nos termos do art. 43, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, por 121 dias, conforme RQS nº 472/2011, aprovado na Sessão do Senado Federal de 3-5-2011.
- 3- Em 8-11-2011, vago em virtude de o Senador Wilson Santiago (PMDB/PB) ter deixado o mandato.
- 4- Em 16-11-2011, eleito o Senador Waldemir Moka (PMDB/MS) para o cargo de 2º Vice-Presidente do Senado Federal.
- 5- Em 28-11-2011, o Senador Gilvam Borges voltou ao exercício do mandato, tendo em vista o término de sua licença.
- 6- Em 29-11-2011, vago em virtude de o Senador Gilvam Borges ter deixado o mandato.
- 7- O Senador Casildo Maldaner foi eleito 1º Suplente de Secretário na sessão plenária do Senado Federal de 08-12-2011.

### EXPEDIENTE

<p><b>Doris Marize Romariz Peixoto</b> Diretora-Geral do Senado Federal</p> <p><b>Florian Augusto Coutinho Madruga</b> Diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações</p> <p><b>José Farias Maranhão</b> Diretor da Subsecretaria Industrial</p>	<p><b>Claudia Lyra Nascimento</b> Secretária-Geral da Mesa do Senado Federal</p> <p><b>Maria Amália Figueiredo da Luz</b> Diretora da Secretaria de Ata</p> <p><b>Patrícia Freitas Portella Nunes Martins</b> Diretora da Secretaria de Taquigrafia</p>
--	---

# CONGRESSO NACIONAL

## SUMÁRIO

### 1 – ATA DA 7ª SESSÃO CONJUNTA (SO- LENE), EM 23 DE ABRIL DE 2012

#### 1.1 – ABERTURA

#### 1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a comemorar os 50 anos de fun-  
dação da Universidade de Brasília (UnB)..... 00818

#### 1.2.1 – Execução do Hino Nacional Bra- sileiro pelo Coral da Universidade de Brasília

#### 1.2.2 – Execução das canções *Sobre as águas de Brasília – Ponte JK e Isto aqui, o que é?*, pelo Coral da Universidade de Brasília

#### 1.2.3 – Oradores

Senadora Ana Amélia ..... 00818

Senador Cristovam Buarque..... 00820

Deputado Arlindo Chinaglia ..... 00824

Senador Rodrigo Rollemberg ..... 00826

Deputada Erika Kokay ..... 00828

Deputado Paes Landim ..... 00830

Deputado Izalci ..... 00833

Sr. Wílton Wander Lopes..... 00834

Sr. Luís Humberto Miranda Martins Pereira,  
Professor fundador da UNB ..... 00835

Sr. José Geraldo de Sousa Júnior, Reitor da

UNB..... 00836

Senador Wellington Dias..... 00839

Senador Paulo Paim ..... 00839

Deputada Perpétua Almeida (art. 203 do Re-  
gimento Interno do Senado Federal, primeiro sub-  
sidiário do Regimento Comum) ..... 00839

Deputado Policardo (art. 203 do Regimento  
Interno do Senado Federal, primeiro subsidiário do  
Regimento Comum) ..... 00840

#### 1.3 – ENCERRAMENTO

### CONGRESSO NACIONAL

### 2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRES- SO NACIONAL

#### 3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

#### 4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

#### 5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

#### 6 – COMISSÕES PARLAMENTARES MIS- TAS DE INQUÉRITO

## Ata da 7ª Sessão Conjunta (Solene) em 23 de abril de 2012

### 2ª Sessão Legislativa Ordinária da 54ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Arlindo Chinaglia e Cristovam Buarque.*

*(Inicia-se a sessão às 11 horas e 26 minutos e encerra-se às 14 horas e 17 minutos)*

**O SR. PRESIDENTE** (Arlindo Chinaglia. PT-SP)

- Declaro aberta a Sessão Solene do Congresso Nacional destinada a comemorar os 50 anos de fundação da Universidade de Brasília — UnB.

Antes de chamar os componentes da Mesa, quero fazer um registro e um agradecimento ao Senador Cristovam Buarque. S.Exa., na condição de autor do requerimento de realização desta sessão e sendo Senador, naturalmente estaria presidindo os trabalhos, como vai fazê-lo posteriormente. No entanto, fui o autor do requerimento na Câmara dos Deputados e, como sou ex-aluno da UnB, S.Exa., com a gentileza que o caracteriza, para minha grande honra, destinou-me a tarefa de fazer a abertura desta sessão solene.

Convido, então, para compor a Mesa, o Exmo. Sr. Senador Cristovam Buarque (*palmas*); o Exmo. Sr. Senador Rodrigo Rollemberg (*palmas*); o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, o Exmo. Sr. Prof. José Geraldo de Souza Júnior (*palmas*); o Chefe da Casa Civil do Governo do Distrito Federal, o Exmo. Sr. Swedenberger Barbosa, representando o Governador do Distrito Federal (*palmas*); a Secretária da Promoção de Igualdade Racial do Distrito Federal, a Exma. Sra. Josefina Serra dos Santos (*palmas*); o Secretário-Geral da Associação Internacional de Presidentes de Universidades, Prof. Heitor Gurgulino de Souza (*palmas*); e o professor e fundador da Universidade de Brasília, Sr. Luís Humberto Miranda Martins Pereira. (*Palmas.*)

Convidados presentes: Deputada Distrital Arlete Sampaio; Sr. Zulu Araújo, Coordenador-Geral do Festival Latino-Americano e Africano de Arte e Cultura; Exmo. Sr. Brigadeiro-do-Ar João Tadeu Fiorentini, Chefe da 4ª Subchefia do Estado Maior da Aeronáutica, aqui representando o Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito; Prof. Silvério de Paiva e Profa. Yolanda Lima Lobo, representando o Reitor da Universidade Norte Fluminense do Rio de Janeiro; Prof. Cícero Ivan Gontijo e Profa. Marileusa D. Chiarello, representando o Reitor da Universidade Católica de Brasília; Sr. Pedro Ivo Santana, represen-

tando o Diretório Central dos Estudantes; Sra. Nair He-loísa Bicalho Souza, esposa do Reitor da Universidade de Brasília; Sras. e Srs. Embaixadores e membros do Corpo Diplomático; Sras. e Srs. Senadores e Deputados Federais; Sras. e Srs. Diretores da Universidade de Brasília e demais universidades; professores e estudantes universitários. (*Palmas.*)

Convido todos a acompanharem, de pé, o Hino Nacional, que será cantado pelo Coral da Universidade de Brasília, sob a regência do maestro Éder Alves Gonçalves.

*(É executado o Hino Nacional.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Arlindo Chinaglia. PT-SP)

- Convido para também compor a Mesa a Exma. Deputada Federal Erika Kokay, uma das autoras do requerimento de realização desta sessão solene. (*Palmas.*)

Vamos ouvir agora o Coral da Universidade de Brasília, sob a regência do Maestro Éder Gonçalves, interpretando as seguintes canções: *Sobre as águas de Brasília-Ponte JK*, música de João Marinho com arranjo de Paulo Santos; e *Isto aqui, o que é?*, música de Ary Barroso com arranjo de Eduardo Carvalho.

*(Apresentação musical.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Arlindo Chinaglia. PT-SP)

- Cumprimentando o maestro e o coral, anuncio a presença também do Secretário de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal, o Exmo. Sr. Sandro Torres Avelar, bem como do Diretor da Fundação Oswaldo Cruz — FIOCRUZ Brasília, Sr. Gerson Penna.

**O SR. PRESIDENTE** (Arlindo Chinaglia. PT-SP) -

Dando sequência, concedo a palavra à Senadora Ana Amélia Lemos, do Rio Grande do Sul, que falará pelo PP.

**A SRA. ANA AMÉLIA** (PP-RS. Pela Liderança.

Sem revisão da oradora.) - Caro Presidente, amigo Deputado Arlindo Chinaglia; caro Senador Cristovam Buarque, autor, juntamente com os Deputados Arlindo Chinaglia e Erika Kokay, do requerimento de realização desta bonita homenagem à Universidade de Brasília; meu querido amigo Senador Rodrigo Rollemberg, que representa uma bancada tão expressiva e tão competente na defesa dos interesses do Distrito

Federal e, sobretudo, da nossa Capital; caro Reitor da Universidade de Brasília, demais componentes da Mesa desta cerimônia tão especial para todos nós; caros representantes do Corpo Diplomático, professores e alunos da Universidade de Brasília presentes, deixo meu cumprimento a todos.

É uma alegria muito grande poder ocupar a tribuna nesta cerimônia para comemorar, com todos os presentes, especialmente com protagonistas da educação em nosso País, os 50 anos da Universidade de Brasília, classificada como a quinta mais influente e mais importante universidade nacional.

“Utopia” foi a palavra que encontrei em diferentes artigos publicados nos últimos dias para celebrar e homenagear o cinquentenário da UnB — artigos que praticamente “linkam” a criação da Capital à fundação da Universidade. Foi a utopia, sim, a fonte inspiradora que impulsionou a construção de Brasília e de sua universidade, uma instituição peculiar para uma cidade tão especial.

A arquitetura dos prédios da UnB não podia desviar dos traços da nova Capital. Foram criados, então, os auditórios, as salas de aula, a biblioteca. Prédios com os traços e os cuidados arquitetônicos idealizados por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, os mesmos donos dos traços que também delinearam a inconfundível ousadia estética da nossa também cinquentona Capital Federal, cidade que adotei como minha há mais de 3 décadas.

Lembro aqui as linhas curvas do chamado Minhocão, prédio central da universidade, e o simbolismo do Auditório Dois Candangos, caro Reitor José Geraldo de Souza Júnior, que abrigou, no dia 21 de abril de 1962, a aula inaugural da UnB, com pouco mais de 400 alunos e menos de 50 professores. Hoje, muitos dos sonhos viraram realidade para uma comunidade acadêmica de quase 50 mil alunos, professores e funcionários.

Além dos traços arquitetônicos, era preciso inovar na área acadêmica — sobretudo nela, pois ali está o campo da formação. Uma ampla discussão do projeto UnB foi feita antes da fundação e contou com o trabalho cuidadoso do pedagogo Anísio Teixeira, idealizador da UnB e primeiro Presidente do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, e do inesquecível Prof. Darcy Ribeiro, eleito também o primeiro Reitor da Universidade de Brasília e que passou por esta Casa com muito brilho.

Darcy Ribeiro, antropólogo, professor e político, ressaltava que o Brasil não tinha nenhuma tradição universitária para defender e preservar. No livro *UnB: Invenção e Descaminho*, ele conta detalhes sobre a elaboração da universidade, da fundação e os primeiros anos da instituição, antes de 1964. Relata as amarguras vividas pela UnB, seus docentes e alunos, durante

o regime militar, um período muito difícil para toda a sociedade acadêmica do País. Para ele, o problema educacional era histórico e fundar a UnB foi a tentativa de romper os vícios acadêmicos vigentes no Brasil até 1962, ano de fundação da universidade.

No governo militar, o programa educativo da UnB foi comprometido, porque seus idealizadores foram demitidos e alguns tiveram de se exilar.

A UnB foi palco de expressão da insatisfação e revolta de estudantes durante o regime militar. Foi invadida por tropas militares em 1968, pois era considerada foco de deliberação de ideias contra o regime. Vários alunos e professores acabaram detidos e presos.

Mas os tempos difíceis deram espaço ao renascimento da democracia e, sobretudo, ao recomeço das atividades acadêmicas: no ano de 1987, Brasil tinha o primeiro Presidente civil após o período militar, o nosso hoje Presidente do Senado, o Senador José Sarney, e a UnB tinha como Reitor o hoje Senador Cristovam Buarque, a quem presto uma homenagem pelo trabalho que tem feito especialmente ligado à educação.

Era o tempo da redemocratização e tempo de reabrir as portas da universidade para a comunidade brasileira e latino-americana. Com o incentivo do então Reitor, o nosso querido e respeitado Senador Cristovam Buarque, o Instituto de Artes encontrou a forma certa de realizar esse reencontro: em 1987, organizou um festival de cultura latino-americano, o FLAAC.

A primeira edição comemorou os 25 anos da UnB e transformou a cidade de Brasília em um imenso palco das artes. O festival, com mais de 700 artistas, reuniu cerca de 5 mil pessoas, entre estudantes de vários Estados brasileiros e também de países vizinhos.

A vocação inovadora da Universidade de Brasília era retomada, e o palco de pesquisas e discussões mais importantes do Centro-Oeste brasileiro, reaberto para a comunidade acadêmica.

Hoje, a UnB está entre as melhores universidades do País e é definida pelo seu atual Reitor, o Prof. José Geraldo de Sousa Junior, aqui presente, como instituição *multicampi* inclusiva e democrática.

A Universidade de Brasília foi uma das primeiras instituições de ensino superior do Brasil a adotar a ação afirmativa, colocando em prática o sistema de cotas, em junho de 2004, como parte do Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial, tema aliás que ainda suscita muita polêmica em todo o País. A mesma ação incluiu cotas para o povo indígena. A cada semestre, dez representantes dos povos indígenas, aprovados em um teste de seleção, ingressam na universidade.

Crises econômicas atingiram os projetos da universidade, mas a utopia não enfraqueceu o ideário da



UnB. Pelo contrário, o *campus* hoje não se limita ao Plano Piloto.

Em 2007 foi concretizada a abertura de três novos *campi*, como parte do projeto de extensão da universidade e do compromisso de ampliar as atividades de ensino, pesquisa e integração com comunidades localizadas fora do centro de desenvolvimento do Distrito Federal. A UnB também está nas cidades de Ceilândia, Gama e Planaltina. Dois núcleos de extensão foram criados nas cidades-satélites de São Sebastião e Brazlândia. São essas atividades que têm por objetivo a integração entre a universidade e a sociedade, integrando as artes e a ciência ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento social.

A iniciativa proporciona a troca de conhecimento entre comunidade e academia. De um lado, a sociedade tem acesso ao conhecimento produzido nas salas de aula. De outro, os alunos da UnB têm a oportunidade de colocar em prática o que aprendem nas salas de aula, nos laboratórios e seminários da universidade. Isso mostra claramente o compromisso da instituição — e não poderia ser diferente — com a comunidade de Brasília, mas também com a comunidade brasileira.

Os resultados dos trabalhos de pesquisa e inovação da UnB são inúmeros, sempre preocupados com a sustentabilidade.

A *TV Senado*, recentemente, destacou o projeto de criação da tinta de impressão ecológica, de autoria do Prof. Paulo Anselmo Ziani Suarez e do mestrando Vinícius Moreira Mello.

Mas quero dar destaque aqui a um recente trabalho, senhoras e senhores, que está muito ligado ao nosso dia a dia. Um grupo de especialistas do Centro de Informática da aniversariante Universidade de Brasília conseguiu quebrar o sigilo de uma urna eletrônica durante testes organizados pelo próprio Tribunal Superior Eleitoral. O time da UnB foi o único a realizar a façanha entre as nove universidades que participaram dos testes. Levantou-se um véu de dúvida sobre a segurança dessa urna eletrônica, como mostrado inclusive numa audiência realizada na Comissão de Relações Exteriores, na semana retrasada, pelo Prof. Jorge Henrique Cabral Fernandes, do Departamento de Ciência da Computação da UnB, e que também foi uma das iniciativas do nosso ex-Reitor Cristovam Buarque.

É preciso ter em mente a importância desse trabalho no sentido de consolidar uma criação e uma iniciativa tão revolucionária quanto a urna eletrônica, mas é preciso que o sistema democrático brasileiro tenha nesse instrumento a segurança e a garantia da sua inviolabilidade.

O que foi mostrado apenas exige de todos nós, sobretudo dos especialistas em tecnologia da infor-

mação, cuidado redobrado para que não possa haver nenhuma suspeita sobre a segurança do voto secreto e inviolável posto na urna eletrônica, que tanto sucesso faz em nosso País e fora dele.

O crescimento econômico que o Brasil vive hoje precisa ser sustentado por uma comunidade acadêmica inovadora. Só uma educação de qualidade poderá manter o Brasil no mesmo ritmo de crescimento dos últimos anos.

Assim, também entendo, na condição de cidadã que paga impostos, que uma universidade pública, como a UnB, a Universidade Federal do meu Estado, o Rio Grande do Sul, e tantas outras eficientes e de alta qualidade dos seus mestres, dos seus professores, precisa estar sintonizada com as necessidades do País.

Está em curso hoje um projeto ousado da Presidente da República, que visa enviar para o exterior alunos brasileiros para um aprendizado mais especializado. O Brasil está carente disso, e nós precisamos que os centros de excelência universitária, como a UnB e tantas outras universidades públicas, estejam comprometidos com esse desenvolvimento em todos os campos da ciência, porque o Brasil precisa desse compromisso e dessa responsabilidade.

A UnB, com seus professores, alunos e funcionários, é parte importante desse avanço que precisamos alcançar. A Universidade de Brasília é uma instituição ligada às nossas raízes, conectada à comunidade e, por isso, competente para liderar o ensino superior brasileiro na área do ensino público.

Parabéns, Senador Cristovam Buarque; parabéns, Deputados Arlindo Chinaglia e Erika Kokay!

Cumprimento o Senador Rodrigo Rollemberg, aliado nessa causa; o Reitor José Geraldo de Sousa Junior, na pessoa de quem saúdo toda a comunidade acadêmica; o representante do Governo do Distrito Federal, Swedenberger Barbosa; a Dra. Josefina Serra dos Santos; o Prof. Heitor Gurgulino de Souza, e o Sr. Luís Humberto, jornalista que aprendi a admirar pelo trabalho que faz no campo das artes também, e os demais presentes nesta sessão.

Muito obrigada a todos.

Parabéns à cinquentona Universidade de Brasília! (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Arlindo Chinaglia. PT-SP) - Concedo a palavra ao Senador Cristovam Buarque, requerente desta homenagem no Senado Federal, professor e ex-Reitor da UnB.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Um bom-dia a cada um dos presentes.

Uma solenidade para a UnB não pode deixar de ter nos seus discursos uma saudação fundamental

inicial a Darcy Ribeiro, aquele que foi capaz de conceber em um livro e levar para o *Diário Oficial* a ideia de uma nova universidade. E foi capaz de executá-la, de construí-la. Por isso, minhas palavras a vocês — muito bom dia — e a essa figura.

Quero cumprimentar também, antes mesmo da Mesa, com todo o respeito, aqueles que já não estão aqui conosco. E eu escolhi o Prof. Labouriau, cuja esposa está aqui conosco, que foi um daqueles que se demitiu no momento de resistência, quando o regime militar, a ditadura, quis colocar suas mãos sobre a universidade; eles, os 223, decidiram sair. Ele teve a generosidade de aceitar a anistia que lhe foi dada e, estando tão bem onde estava, voltar a ser nosso professor ao longo de todos os seus últimos anos.

Em nome de todos aqueles que representam as outras pessoas, eu quero citar o Prof. Fernando Seabra Santos, ex-Reitor da Universidade de Coimbra, a mãe de todas as universidades brasileiras.

Cumprimento, obviamente, esta figura marcante da política brasileira, o Deputado Arlindo Chinaglia, que preside esta sessão pelo mérito de ter sido o primeiro a tomar a iniciativa de requerê-la.

Cumprimento a Deputada Erika Kokay; o Senador Rodrigo Rollemberg; o amigo Swedenberger Barbosa; a Exma. Sra. Josefina Serra dos Santos, Secretária da Promoção de Igualdade Racial do Distrito Federal; essa grande figura humana, o Prof. Heitor Gurgulino de Souza, que foi Reitor por 10 anos da Universidade das Nações Unidas; e o nosso amigo, o professor fundador da Universidade de Brasília, Luis Humberto Miranda Martins Pereira.

Deixei por último a figura de José Geraldo. E o fiz porque ele aqui não simboliza apenas a si mesmo, pelos próprios méritos, mas a todos nós que fazemos parte da Universidade de Brasília. Aproveito para agradecer ao José Geraldo o trabalho que vem fazendo de levar adiante os sonhos de Darcy, construído ao longo desses 50 anos.

Eu acho que a universidade existe para inventar perguntas novas e responder de novas maneiras as perguntas antigas. Portanto, o que eu quero falar aqui é fruto de perguntas.

Eu recebi uma pergunta, um dia desses, de dois jovens da universidade que me entrevistaram — não sei se estão aqui. De supetão, eles me perguntaram: “*Tudo bem, 50 anos. E qual é o seu presente para a UnB?*” Na hora, não sei de onde refleti, mas disse: “*Meu presente seria dar olhos*”. Olhos muito grandes para que essa universidade possa olhar para o futuro, para o mundo aonde a gente vai, cujas respostas dependem sobretudo do conhecimento. E o conhecimento depende, além da educação de base, sobretudo das universidades.

Olhos que permitam olhar para trás, sem esquecer a história, ver lá atrás, não apenas nesses 50 anos, mas nos mil anos, talvez até nos 1.500, se acrescentarmos as experiências universitárias pré-europeias.

Temos de olhar também para cima, para os mistérios do mundo. Alguns das ciências recusam-se a ver e perceber isso ou o consideram uma outra dimensão. Nós temos que olhar para esses mistérios, que alguns podem chamar de Deus, outros de espiritualidade. Prefiro falar em mistérios: aquilo que não cabe dentro das ciências, pelo menos hoje, mas para o qual precisamos olhar.

Temos de olhar para baixo. Temos de ter olhos imensos olhando para baixo, para o chão onde pisamos, para a terra que nos abriga, o nosso *habitat*. A universidade que não for capaz de perceber a dimensão ecológica da civilização humana é uma universidade fracassada, que não está olhando para o futuro, que não está respeitando o passado, que não está entendendo os mistérios. Ela tem que olhar também para o lado direito — olhos para o lado direito —, o lado da sua comunidade, tanto no sentido específico da comunidade local universitária quanto no sentido da comunidade da cidade onde ela está, do país onde ela está.

Mas temos de ter olhos grandes também para olhar para o lado esquerdo, para a comunidade global, universal, para a humanidade inteira. Hoje nós temos 7 bilhões de vizinhos. E a universidade não pode esquecer isso.

O último olho — mas talvez o mais importante deles — é o olho para dentro. Não apenas para dentro da instituição, mas para dentro de cada um de nós que assume a posição de universitário. Olhando para nós, temos de saber qual é a nossa missão; olhando para nós, temos de saber como sermos felizes dentro da atividade; olhando para nós, termos os compromissos com o mundo inteiro, com a humanidade, com a sociedade, e não só com a carreira de cada um, não só com o diploma, não só com as teses publicadas.

Esse olhar para dentro, para cada um de nós como parte de três dimensões: da carreira que você escolheu e do seu conhecimento; da dimensão de um compromisso que só se enfrenta de maneira multidisciplinar, contra o qual as universidades continuam reagindo, e da dimensão das humanidades, de onde as universidades surgiram e a qual não podemos abandonar.

Foi em função dessa pergunta e também de uma provocação que o Prof. Fernando Seabra fez, sem querer — quando me deu a honra de pedir para elaborar a introdução do livro que escreveu junto com o Reitor Naomar de Almeida Filho —, que escrevi que os grandes livros são aqueles que fazem e respondem

perguntas. Os livros realmente grandes são aqueles que, quando fechamos, nos levam a fazer perguntas.

Eu listo algumas perguntas no final de minha introdução ao livro dele. E o meu presente para a UnB é uma pequena reflexão — que eu não vou ler, porque deixei para vocês nas bancas — sobre algumas perguntas relacionadas à universidade.

A primeira é: como olhar de cima, sem perder o contato com a base, com a população? Por que olhar de cima? Porque nós somos o ensino superior. Querer rebaixar o ensino superior a um ensino de base é trair o espírito universitário. Mas ficar no ensino superior, ignorando a base em que ele se situa, é suicídio e é imoral.

Então, uma pergunta a ser respondida é: como olhar de cima, com orgulho de ser parte do ensino superior, com orgulho de ter escolhido — por alguma razão, que nem sempre depende de nós — a atividade intelectual, em vez de qualquer outra atividade igualmente nobre? Do ponto de vista do conhecimento, nós olhamos de cima, mas sem perder o contato com a base.

Nós temos oscilado muito entre olhar de cima desprezando as bases ou cair no discurso fácil do basismo, do democratismo, massificando o ensino que tem de ser a elite do conhecimento a serviço das massas.

A segunda pergunta é: como ser global, sem perder o sentimento local? Como ser global, porque não há mais como parar essa marcha. As universidades vão caminhar para uma integração cada vez maior até o dia — não vou arriscar o prazo — em que nós vamos ter apenas uma universidade no mundo. Cada uma com o seu endereço local; cada uma com suas especificidades; cada uma com suas características, suas preferências, mas interligadas.

Dentro em breve, você vai ser professor de universidade, não professor de tal universidade. Porque você vai ditar cursos para pessoas que moram noutros países e vai receber aulas de pessoas que moram noutros países. Porque suas pesquisas vão ser feitas em grupo não dos que estão ao seu redor, mas dos que estão no mundo inteiro.

Agora, como ser global sem perder o sentimento local, a especificidade, aquilo que, dentre o total, nos diferencia dos outros? No caso do Brasil, é a preocupação com a educação de base, com o que outros países não precisam mais se preocupar. Como é também a preocupação com a fome, que ainda há neste País, e com os 13 milhões de adultos que não aprenderam a ler. Temos que ser globais, mas sem esquecer o local.

Uma outra pergunta é como estruturar-se multidisciplinarmente sem perder a eficiência departamental. Eu gosto de dizer: como ser triangular, sem perder

a eficiência da linearidade do departamento. Ou até mesmo, colocando nomes, como seguir Morim sem esquecer Humboldt. Foi Humboldt quem criou a ideia dos departamentos, das faculdades, das especialidades nas universidades. E foi Morim que nos trouxe agora, nos últimos anos, a ideia da complexidade do pensamento. Não cabe em nenhum departamento a complexidade do conhecimento, mas não funciona sem a estrutura departamental.

Esse é o desafio, desafio que a UnB vem tentando há 25 anos, quando nós criamos os núcleos temáticos dentro do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. Estava ali a raiz. Mas ainda não conseguimos fazer com que ela penetrasse em toda a comunidade, porque a maioria prefere continuar dentro do seu departamento, da sua categoria de conhecimento.

Até na experiência do Centro de Desenvolvimento Sustentável, onde sou professor, não conseguimos fazer com que a multidisciplinaridade prevalecesse. Nós temos alunos de todas as profissões, nós damos aula sobre todos os temas, mas, na hora da tese, termina-se caindo na especificidade departamental. Ainda não conseguimos formar a cabeça multidisciplinar.

Nós precisamos também responder como definir qualidade em um mundo em rápida mutação, tanto a mutação do real quanto a mutação do conhecimento. O que é qualidade? Não podemos abrir mão da qualidade em nenhuma hipótese. Universidade sem qualidade não é universidade. Como definir qualidade se o que aprendemos hoje amanhã já não serve? Se o que significa ser um bom professor hoje amanhã já não serve? Uma coisa é o bom professor do giz e do quadro negro, outra coisa é o professor do uso dos novos instrumentos de teleinformática. Qual é o que tem qualidade? Uma coisa é o professor que dá aula olhando no olho do aluno, o outro é o que dá aula através dos meios de comunicação em outro País. Como vamos definir qualidade?

É preciso também ser de todos sem deixar de identificar e respeitar aqueles que têm mais talento, mais persistência e vocação. Há uma tendência de chamar de excelência um pequeno grupo e dizer: “Esses são os bons, os outros são os que estão no baixo clero.”

Não dá para continuar dividindo a comunidade em alto e baixo clero, mas não dá, não é certo, não é decente, não é direito, não é eficiente não reconhecer alguns que são excepcionais. Não é direito. Alguns, pelo talento, porque uns têm e outros não, pela vocação, porque uns têm e outros não, e pela persistência, como estudam, terminam tendo um grau de excelência maior. Não podemos desprezar aqueles que são bons, mas não podemos deixar de reconhecer aqueles que são mais do que bons. Esse é um desafio difícil de



vencer, e, às vezes, caímos na ideia de desprezar o chamado baixo clero, Deputado Arlindo Chinaglia, de apenas endeusar os que são de uma elite excepcional. Temos que ter o casamento.

Como pensar pela massa pobre, se somos filhos da elite? Quando digo filhos, é no sentido do acesso à universidade, não de cada um de nós. A universidade é filha da elite, da elite intelectual sobretudo. Não vou nem dizer, no caso do Brasil, também da elite econômica, que faz com que alguns possam chegar à universidade não apenas por seus méritos de passar no vestibular, mas sobretudo pela exclusão de milhões que não têm o direito de fazer vestibular. Nós nos esquecemos disso.

Muitos de nós lutam pela necessidade de quotas para negros, mas recebem críticas fortes de pessoas que esquecem que só entraram na universidade porque havia quota, quota para aqueles que terminaram o ensino médio, e dois terços não terminaram. Não vamos abrir a universidade para os que não terminaram o ensino médio, seria um equívoco. Todos têm que terminar o ensino médio com a mesma qualidade, com um agravante: no caso do Brasil, com a qualidade, em geral, comprada na escola. Quem pode pagar, melhor.

Nós somos filhos da elite, mas não podemos deixar de ser instrumentos da transformação do benefício da melhoria de vida das massas mundiais, e não só brasileiras. Não é fácil, porque, quando o menino entra na universidade, o filho da elite, para ser médico, é natural que tenda a esquecer as massas como parte dos beneficiados e beneficiários pelos seus serviços e termina, de maneira natural, escolhendo especialidades a cujos custos poucos vão poder ser úteis. Temos que ser, sim, filhos da elite intelectual, mas não trabalhando para a elite, seja econômica, seja intelectual.

Como ser da atual geração olhando para as gerações futuras? Não é fácil, porque não sabemos direito como serão as gerações futuras; não é fácil, porque nos acostumamos com a história de 200 anos, em que cada geração tem melhor condição de vida do que a anterior. Então, para que nos preocuparmos com os que virão depois de nós, se eles terão mais chances e mais recursos do que nós tivemos?

Isso acabou. Nada pode garantir que nossos filhos, netos e bisnetos terão um mundo melhor do que o nosso. Por isso, precisamos, sim, saber como levar em conta as gerações futuras. Uma das maneiras, algo simples, é cuidar do meio ambiente, porque, sem meio ambiente equilibrado, as gerações futuras terão fortes dificuldades para encontrar o caminho. Mas também cuidar da convergência entre os interesses de gerações e os interesses de classes, porque o mundo será pior se continuar socialmente tão dividido.

Como agir sem deixar de refletir? Esse é um desafio difícil, meu caro reitor, porque já vimos como muitos de nós entram na universidade com um idealismo profundo, caem na ação política e abandonam a reflexão intelectual, abandonam os cursos. Não podemos criticá-los, porque eles fazem isso com ânsia de mudar o mundo, o que é muito positivo, ânsia de ação política. Mas essa ação política pura não é compatível com a vida acadêmica. Com a vida acadêmica, a ação só tem sentido se vier junto com a reflexão, com os estudos.

Nenhum aluno que deixa a universidade para ser político está cometendo erro. Não, está cometendo acerto, de acordo com sua vocação. Mas deixou de ser aluno, pode até continuar matriculado. O verdadeiro universitário tem que refletir ao lado de agir. Também acho que tem que agir ao lado de refletir, porque a pura e simples reflexão isolada da realidade, sabemos, não leva a caminhos completos nem a bons caminhos. Terminaremos caindo numa reflexão isolada, abstrata, uma Torre de Marfim, e não daremos o resultado que queríamos.

Eu, pelo menos, continuo achando que tinha razão, entre outros, o velho Karl Marx, quando dizia que o ideal vem do concreto e que a observação e a vivência no real são o que nos faz refletir. Como ser técnica, ética e esteta em tempo e ao mesmo tempo?

Humboldt criou essa divisão, que os gregos não tinham, que a universidade medieval não tinha, de separar os técnicos e cientistas dos estetas, dos artistas e dos, digamos, filósofos como profissão da ética. Não dá mais para separar.

O melhor engenheiro que tivermos capaz de inventar uma motosserra da melhor qualidade, se não tiver um valor moral de defesa da natureza, não será um bom engenheiro. Poderá ser um bom construtor de máquinas, mas não será um bom engenheiro.

Temos que casar a ética com a técnica e trazer o prazer da estética no exercício da nossa profissão. O que fez esse senhor, Steve Jobs, ficar marcante para o mundo foi sua capacidade de criar estas coisas: o conhecimento técnico, inventar a maravilha que são os microcomputadores baratos, à nossa disposição, onde carrego 300 livros; mas ele foi capaz de fazer isso buscando a beleza no equipamento e foi capaz de fazer isso para que todos tivessem. Ele teve moral por trás e teve conhecimento técnico e sentimento estético também.

O triste é que, para fazer isso, teve que abandonar a universidade. Ele não concluiu seu curso universitário, porque, se tivesse ficado lá dentro, provavelmente seu orientador de tese não o teria deixado perder tempo com a beleza dos aparelhos que inventou, diria que

é perda de tempo. Como Bill Gates teve que sair da universidade, como Fritjof Capra teve que sair da universidade, como tantos que estão na ponta do conhecimento não conseguem elaborar esse conhecimento de ponta dentro da universidade.

Nós não podemos perder esses cérebros que estão na frente porque ficamos para trás. Precisamos perguntar também como ser elite e democráticos. Temos que ser elite, não podemos fugir, como a Seleção Brasileira de Futebol é elite, mas é democrática quando joga para todos. A democratização do futebol não está em colocar perna de pau jogando dentro do campo, está em permitir que qualquer pessoa possa assistir ao jogo e usufruir dele. O mesmo vale para medicina, arquitetura, engenharia. A elite está em sermos os melhores, a democracia está em servirmos a todos.

Obviamente, no caso da universidade existe uma especificidade da democracia, que é a democracia dentro da instituição ouvindo todos. Temos que ser elite da excelência, mas temos que ouvir os alunos, temos que ouvir os professores, temos que ouvir os servidores, temos que ouvir os ex-alunos, temos que ouvir os empresários, temos que ouvir, no caso da UnB, aquela comunidade que mora no lixo, que recolhe o lixo e que, quando chove, fica debaixo de chuva. A UnB não tem o direito de ignorar esse pessoal, mas não tem o direito de, em nome disso, baixar o nível da qualidade do ensino.

Finalmente, deixei de propósito, embora no texto não seja a última análise: como ser contemporânea com o futuro, sem esquecer o passado? Creio que para sermos contemporâneos com o futuro sem esquecermos o passado temos de fazer o que estamos fazendo aqui, comemorando os últimos 50 anos da universidade pensando nos próximos 50 anos. Comemorar o passado comprometido com o futuro.

Esse é o resumo dos desafios que estão diante de nós. Este é o desafio das perguntas que deixo como presente para a UnB: fazermos comemorações, a cada ano, da sua inauguração, mas sempre olhando lá na frente o que daqui a 50 anos, quem vier a comemorar o primeiro centenário da UnB, vai dizer, agradecendo, que nós fizemos o nosso dever de casa de construir os 50 anos pela frente.

Fico feliz de estar aqui com os senhores porque acho que este é um grupo que comemora o passado olhando o futuro, e é isso que vou continuar fazendo, como professor da UnB, como Darcy Ribeiro foi, como ex-Reitor, como Darcy Ribeiro foi, como Senador, como Darcy Ribeiro foi. Não vou conseguir passar disto para ser tudo o mais que ele foi, porque uma vez eu disse que, quando fosse grande, eu gostaria de ser Darcy Ribeiro. Não vou conseguir, mas pelo menos vou con-

tinuar tentando. E acho que este é um discurso que ele gostaria de fazer, com muito mais qualidade do que eu fiz.

Parabéns à UnB pelo passado, mas, sobretudo, parabéns à UnB por enfrentar os desafios adiante.

Muito obrigado, Sr. Presidente. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Arlindo Chinaglia. PT-SP)

- Cumprimento o Senador Cristovam Buarque.

Tenho a imensa satisfação de neste momento passar-lhe a Presidência dos trabalhos.

*O Sr. Deputado Arlindo Chinaglia deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Senador Cristovam Buarque.*

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Ao mesmo tempo em que convido o Deputado Arlindo Chinaglia para fazer uso da palavra, agradeço a S.Exa. a generosidade de estar aqui conosco como o primeiro a tomar iniciativa de realização desta sessão e de ter aberto os trabalhos, abrilhantando-os.

Com a palavra o Senador Arlindo Chinaglia. Na verdade, Deputado.

**O SR. ARLINDO CHINAGLIA** (PT-SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - V.Exa., mais uma vez, de forma generosa me promove. *(Risos.)*

Bom dia a todos.

Quero cumprimentar naturalmente e mais uma vez o Senador Cristovam Buarque, agora na presidência desta sessão solene; o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, o Exmo. Sr. Professor José Geraldo de Sousa Junior e, por seu intermédio, todos os professores aqui presentes, e o Prof. Luís Humberto Miranda Martins, também fundador da Universidade de Brasília.

Cumprimento a Exma. Sra. Deputada Erika Kokay, também requerente desta sessão solene, e o Exmo. Sr. Senador Rodrigo Rollemberg.

Cumprimento ainda o Secretário de Estado Chefe da Casa Civil do Governo do Distrito Federal, o Exmo. Sr. Swedenberger Barbosa; a Secretária da Promoção de Igualdade Racial do Distrito Federal, a Exma. Sra. Josefina Serra dos Santos, e o Secretário-Geral da Associação Internacional de Presidentes de Universidades, o Prof. Heitor Gurgulino de Souza.

Cumprimento, por fim, os alunos e funcionários atuais e, eu diria, de sempre da UnB.

Além de Darcy Ribeiro, gostaria de citar Anísio Teixeira, Ciro dos Anjos, Oscar Niemeyer e todos aqueles lumináres da inteligência nacional que pensaram, agiram e formaram os pilares da Universidade de Brasília. Pilares que eram tão fortes que, em 1965, com a injusta demissão de alguns mestres e a saída de 223 outros — e o Reitor Geraldo informa que isso

correspondeu a 90% dos professores à época — a UnB conseguiu continuar exercendo o seu papel.

Aproveito para cumprimentar o então Reitor Cristovam Buarque que, em 1986, concedeu a merecida anistia ainda que, no plano pessoal, pudesse já não fazer sentido para aqueles que sofreram essa perseguição, mas creio que foi muito importante historicamente para eles, para a UnB e para a sociedade brasileira. (*Palmas.*)

Pilares fortes que também resistiram à invasão da UnB em 1968, quando um estudante foi baleado na cabeça. Pilares que contaminaram, no bom sentido, jovens estudantes — e faço referência a uma greve que pode dizer pouco para muitos, mas que talvez seja a responsável pelo fato de que quem está falando aqui agora seja um ex-pretendente a cientista e que foi para a política exatamente por um compromisso ético e social: a greve de 1970 do ICB.

No final de 1975, começo de 1976, éramos quatro representantes dos alunos que, no meio das divergências da época, defendiam a formação do DCE; três foram expulsos, um escapou exatamente porque se formou no final de 1975: eu.

Em 1976, foram expulsos: o Beto, da Economia; o Eduardo Almeida, da Medicina; o Davi Emerich, do Jornalismo; o Valter Valente; a Bárbara; possivelmente, o João Maia, lembra-me aqui a Deputada Erika, e o hoje Ministro Paulo Bernardo.

Na grande greve de 1977, foram expulsas a Deputada Erika Kokay e a Deputada Distrital Arlete Sampaio, entre vários outros jovens, mas não vou falar de então.

Faço essas referências, porque creio que o professor, Reitor e Senador Cristovam Buarque, do ponto de vista do papel da universidade, no sentido amplo do termo, fez várias considerações, e seria bastante imprudente da minha parte entrar nessa seara. Mas, S.Exa. também disse que a escolha política não é um erro. E eu diria que ela está longe de ser um erro. Até porque muitos de nós vivemos um conflito, que foi o de, conscientemente, abrir mão da carreira, Deputado Paes Landim, professor da UnB e meu contemporâneo quando era estudante. Uma escolha difícil. E talvez haja aí um conteúdo ético que entendíamos superior: abrir mão daquele que era o nosso projeto original, adaptando-o a valores que nos impeliram à ação. Não à ação impensada, até porque, à época, nos colocávamos determinadas tarefas. Por exemplo, para atuar no movimento estudantil, discutíamos a importância de ser bons alunos. Muitos de nós gostaríamos, inclusive, de ter continuado na universidade, especialmente na UnB.

Faço essa referência não para cair no erro de termos um longo passado pela frente. Não! Faço exatamente para rememorar a dinâmica social e política

da fundação e da instalação da UnB — e daí a sua concepção revolucionária, porque não só inovava no método, mas também na medida em que tentava, buscava e, na maior parte das vezes, conseguia se colocar de fato a serviço do País, apesar de todos os percalços, de todas as dificuldades.

É claro que a nossa afinidade com a UnB é autoexplicável, mas sabemos que esse é o papel, digamos, da reflexão, e é universal. Agora, quantas vezes a reflexão não consegue solucionar problemas? Muitas vezes. E, aí, quando falamos que o bom político no máximo representa o povo, mas jamais o substitui, diríamos também que muitas vezes a solução só é possível por causa do estímulo, e isso se quisermos colocar no plano da dinâmica social, a partir da pressão. Mas eu quero acrescentar a partir do exemplo dos homens e mulheres anônimos que sonharam e conseguiram fazer com que os seus filhos estudassem — uma pequena parcela de brasileiros, principalmente lá atrás, porque a grande maioria não conseguia então, e ainda hoje não consegue.

Mas, de toda essa experiência na política, na universidade, na vida, nas igrejas, não há nada superior ao exemplo que vem daqueles que imaginamos representar bem, daqueles que tentamos representar bem e daqueles que, às vezes, imaginamos estarem um passo à frente. É um processo complexo. Eu diria que é um processo em que, a exemplo da universidade, o aprendizado é constante. E é um grande aprendizado, porque, muitas vezes, somos colocados à prova. Muitas vezes, apesar do nosso conhecimento, apesar da nossa convicção e, lamentavelmente durante uma fase da vida, apesar da arrogância própria do jovem, lá pela frente, concluímos que pessoas que imaginávamos não perceberem as coisas, são superiores a nós.

Eu repetiria aqui então o que disse o Senador Cristovam sobre a universidade estar integrada à sociedade, acrescentando apenas um elemento: a universidade aprende com a sociedade.

E ousaria dizer, respeitando todos os ambientes em que vivemos: se não houver uma boa formação em casa, não há universidade que dê jeito, não há militância política que dê jeito e, perdoem-me, não há sequer igreja que dê jeito. Esse processo pode até nos melhorar, mas, essa formação que vem, como se diz popularmente, do berço é aquela que nos dá os elementos, primeiro, para passar no vestibular; depois, para continuar aprendendo quando nos tornarmos professor, reitor, cientista, etc. Diria ainda que o estudo a frio é pouco.

Tenho a convicção de que quando nos envolvemos, quando nos comprometemos, vamos além daquilo que imaginávamos inicialmente ser possível. Muitas



exceções acontecem exatamente por causa desse compromisso, desse estímulo, dessa pulsão social.

E é claro que cada um de nós vai acumulando experiências. Eu diria, então, que aprendi muito com os mestres da Universidade de Brasília, mas talvez eu tenha aprendido igual ou, em determinadas circunstâncias, até mais com os meus colegas, porque enfrentamos situações difíceis.

No meu caso, foi difícil passar para Medicina. Venho de Serra Azul, cidade que hoje tem 10 mil habitantes, e meu pai era motorista de caminhão. Foi difícil! Trabalhei como *office-boy* e bancário. Entrar na universidade e fazer Medicina era um sonho.

Quando fizemos a greve em 1970, vigorava o Decreto-Lei nº 477. Se fôssemos expulsos naquele momento, seriam 3 anos para poder voltar a frequentar, hipoteticamente, outra universidade. Nós nos arriscávamos, então, passávamos muito medo.

Faço essa referência — e espero que não de forma piegas — no plano pessoal exatamente para homenagear aqueles com quem me arrisquei, lutei, sofri, numa experiência que só quem teve a oportunidade de viver sabe o tanto acaba definindo os nossos próprios passos.

Antes de encerrar, mais uma vez, registro minha homenagem aos professores, servidores e alunos da UnB — e o faço não de forma burocrática. Quando homenageamos todos, nós o fazemos numa demonstração de generosidade consciente, porque sabemos que lá na UnB, como em outros espaços, havia servidores e também colegas dedos-duros. Eu me lembro de dois, não sei se filhos de militar. E quando falamos da ditadura é real, o nosso enfrentamento foi real.

Mas quero ainda dizer o seguinte: a Universidade de Brasília tinha um poder que talvez outras não tivessem, a começar pela geografia, porque, em Brasília, encontrávamos pessoas de todos os Estados do Brasil. Aprendemos a diagnosticar sotaques os mais variados, inclusive o do Senador Cristovam Buarque, de Olinda (*risos*). E essa vivência nos deu a oportunidade de, ao longo dos anos, irmos refletindo, irmos refazendo ou consolidando as nossas análises.

Senhoras e senhores, tenho a convicção — e já finalizo, Sr. Presidente — de que a UnB contribuiu não só para algo fundamental, como o foi a redemocratização do País, mas também para que conquistássemos, como conquistamos, um país socialmente mais justo e que vai continuar, sem dúvida nenhuma, impulsionando muitos de nós ou todos nós da UnB.

Parabéns, então, à Universidade de Brasília. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Enquanto esperamos o Deputado Arlindo Chi-

naglia reassumir a presidência dos trabalhos, passo a palavra ao Senador Rodrigo Rollemberg.

**O SR. RODRIGO ROLLEMBERG** (PSB-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Prezados Senador Cristovam Buarque, Presidente desta sessão; prezado Deputado Arlindo Chinaglia, autor do requerimento, junto com o Senador Cristovam Buarque e com a Deputada Erika Kokay; prezada companheira Deputada Erika Kokay; prezado amigo e Reitor da Universidade de Brasília, José Geraldo de Souza Júnior; prezado amigo Swedenberger Barbosa, representando aqui o Governador do Distrito Federal; prezada Sra. Josefina Serra dos Santos, Secretária de Promoção da Igualdade Racial do Distrito Federal; prezado Prof. Heitor Gurgulino de Souza, Secretário-Geral da Associação Internacional de Presidentes de Universidades; prezado Prof. Luís Humberto Miranda Martins Pereira, fundador da Universidade de Brasília — é uma alegria revê-lo aqui; querido amigo Reitor Lauro Morhy; prezados Deputados Distritais Arlete Sampaio e Joe Valle; prezado Secretário de Segurança Pública, meu amigo Sandro Avelar; prezado Coordenador-Geral do Festival Latino-Americano e Africano de Arte e Cultura, Sr. Zulu Araújo; Sr. Secretário-Executivo da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Gustavo Balduino; Sr. Diretor da FIOCRUZ, Gerson Penna; prezada Profa. Yolanda Lima Lobo, representando o Reitor da Universidade Norte Fluminense; prezado Sr. Pedro Ivo Santana, representando o Diretório Central dos Estudantes; prezadas professoras e professores; Deputado Izalci, Deputado Policarpo e demais Parlamentares aqui presentes; Prof. João Batista de Souza, Vice-Reitor da UnB; Sr. Administrador do Lago Norte, Marcos Woortmann, demais senhoras e senhores presentes, o meu depoimento, bastante emocionado, da manhã de hoje, também será o de um ex-aluno.

Em 1 ano e 4 meses de mandato de Senador, nunca me senti tão emocionado como ao entrar neste plenário e encontrar tantas pessoas a quem admiro e com quem convivi. E confesso que me sinto até um pouco tímido em falar para tantos professores.

Portanto, vou falar com o coração, do fundo do meu coração. E as minhas primeiras palavras são de profunda gratidão à minha universidade, à Universidade de Brasília, a todos os mestres que me permitiram chegar até aqui.

A UnB é uma universidade muito presente na vida de todos nós, basta olhar para esta Mesa: o Deputado Arlindo Chinaglia, ex-Presidente da Câmara, hoje Líder do Governo, médico brilhante, agora um brilhante operador político, que muitas vezes precisa fazer operações muito mais delicadas do que faria na

Medicina; o nosso querido Pedro Berger, Mestre pela Universidade de Brasília e, daqui a alguns dias, Doutor pela Universidade de Brasília; a nossa querida Deputada Arlete Sampaio, médica; a querida Erika e o Deputado Joe Valle, que se formaram na UnB.

Para alguns, a UnB é a própria vida, e estou entre eles. A UnB é a minha própria vida. Na UnB, eu me casei — conheci minha esposa, Márcia, numa aula de Introdução à Sociologia, e estamos casados há 32 anos, portanto acho que casei bem —, na UnB, aprendi História e me formei, também na UnB, tive o meu batismo político.

Quero agradecer a todos os mestres, na figura da queridíssima Profa. Adalgisa. Recebi a minha formação de esquerda no curso de História. E foi na UnB, o meu batismo político, porque, na greve de 1977, ainda aluno secundarista — só entrei na UnB no vestibular de 1978 —, representei o pré-universitário. Foi a primeira vez que falei em público, numa assembleia, no Teatro de Arena. Posteriormente, em 1979, refundamos o Centro Acadêmico de História e tive a honra de representá-lo no Congresso de Reconstrução da UNE.

Mas a história da UnB é a história de Brasília. A história de Brasília se confunde com a história da UnB, e a história da UnB se confunde com Brasília, porque são uma coisa só. E, ao pensar na UnB, temos de pensar no que significou Brasília.

Brasília é a maior obra, é a maior demonstração da capacidade de realização do povo brasileiro. É muito fácil ver Brasília hoje, já consolidada, uma cidade que, aos 27 anos, se tornou Patrimônio Cultural da Humanidade, mas vamos imaginar o que foi construir Brasília há 50 anos, quando não tínhamos a logística que temos hoje, não tínhamos a infraestrutura que temos hoje.

Juscelino Kubitschek conseguiu reunir o que havia de melhor do talento brasileiro. Ele próprio, como grande líder; Lúcio Costa, nosso querido urbanista; Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Burle Marx, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão e tantos outros, candangos, pioneiros de todos os lugares do Brasil, que vieram para cá não para construir uma cidade apenas, mas para construir um novo país.

E foi esse mesmo espírito de construção de um novo país, que eu chamo de espírito de Brasília, que fundou a Universidade de Brasília, com outros grandes brasileiros, como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, com propostas ousadas, inovadoras, que, 50 anos depois, continuam absolutamente atuais e absolutamente avançadas.

Precisamos pensar o futuro da UnB, resgatando o que foi a sua construção e o que foi a construção de Brasília, o otimismo e a crença no futuro, sentimentos que moveram a construção desta cidade e da UnB. É

com esses olhos que temos de pensar no futuro do ensino, da pesquisa e da extensão na Universidade de Brasília e em como estamos formando os nossos mestres, os nossos quadros.

Ainda ontem, um professor me dizia que, das pessoas formadas em licenciatura pelas universidades brasileiras, e não só pela UnB, muito poucas acabam indo para o magistério, porque o magistério é pouco atraente. E é papel da Universidade de Brasília pensar como refazer isso, como reconstruir isso, porque não tem sentido fazermos um investimento tão grande para formar professores, se a carreira de professor não atrai as pessoas. Para um país mudar, é preciso mudar a educação.

Qual é a ética do desenvolvimento? A UnB precisa pensar nos novos tempos, em que nossos recursos naturais são escassos e finitos. O que a ética do desenvolvimento tem a ver com a Universidade de Brasília, nas suas linhas de pesquisa de novas energias, de novos materiais, no seu esforço de inovação tecnológica, rompendo preconceitos, promovendo uma interação cada vez maior com o setor produtivo, com a sociedade, gerando inovação?

Qual é o papel da Universidade de Brasília na extensão tecnológica, sempre o patinho feio do tripé indissociável ensino, pesquisa e extensão, não uma extensão messiânica ou arrogante, mas uma extensão libertadora, que promova o diálogo entre o saber produzido na universidade e o saber produzido pelo povo na sua luta pela subsistência?

A UnB é absolutamente indispensável para o Distrito Federal, para a sua região metropolitana, tão defendida pelo querido Prof. Aldo Paviani, para toda a Região Centro-Oeste, para todo o País, embora ainda haja alguns que critiquem Brasília, o que foi Brasília, não o momento em que vive Brasília, mas o que significa Brasília do ponto de vista estratégico. Vamos pensar o que seria o Brasil sem Brasília, o que seria a Região Centro-Oeste sem Brasília e o que seria essa região sem a Universidade de Brasília.

A Universidade de Brasília, minha gente, tem uma responsabilidade imensa na construção do nosso futuro, de novos paradigmas para o nosso futuro, na definição dos caminhos, na superação das dificuldades, pensando a nossa forma de desenvolvimento, a ética do desenvolvimento. Como uma pessoa comprometida com a nossa universidade, que hoje está no Gama, na Ceilândia, em Planaltina, uma reivindicação da população do Distrito Federal, pelo apreço, pelo respeito que tenho pela UnB, gostaria de ver a UnB presente em toda a Região Metropolitana do Distrito Federal, discutindo os problemas e formulando soluções alternativas para essa região também.



Mas, eu diria que o nosso grande desafio, o grande desafio da nossa universidade, da nossa UnB, é resgatar o espírito de Brasília, o espírito empreendedor, inovador, contestador, singular, ousado e de vanguarda que motivou a criação da nossa cidade e a criação da nossa universidade.

E tenho certeza de que vamos conseguir, pois é exatamente nos momentos de grande dificuldade por que passam as cidades e por que passam as universidades públicas que estão as grandes oportunidades de formular novos caminhos. Quero dizer, portanto, que tenho plena confiança de que a UnB dará conta desse desafio.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Obrigado, Senador.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Passo a palavra à Deputada Erika Kokay, que também é uma das requerentes desta homenagem.

**A SRA. ERIKA KOKAY** (PT-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) - Eu gostaria de desejar uma boa tarde a cada uma e a cada um de vocês e saudar os que compõem a Mesa. Eu o faço a partir de duas pessoas: Luís Humberto, que carrega em sua história um pouco da história de cada um de nós, a condição de ter ajudado a construir a Universidade de Brasília ainda quando se dava aulas embaixo de barracas ou embaixo de árvores; e o nosso Reitor, José Geraldo, que representa a universidade de hoje, com todos os caminhos que percorreu.

Carrego, como aqui também disse o Senador Rodrigo Rollemberg, uma relação muito afetiva com a Universidade de Brasília. Foi ali que tive meu batismo político. Lembro, no começo de 1976, quando estava na fila para fazer a matrícula no curso de Psicologia da universidade, que alguém passa, deixa um panfleto e diz: *“Vamos nos reunir em uma assembleia para lutar pela democracia neste País e nesta universidade”*. Foi a primeira de inúmeras assembleias.

A partir dali, eu tive a percepção muito clara de que, para podermos fazer o Brasil crescer e termos o desenvolvimento da ciência, da cultura e da arte, é fundamental que tenhamos democracia. Sob baionetas, nós não construímos o País. Sob baionetas, não construímos nem a ciência, nem a cultura, nem a arte, sejam as baionetas, digo eu, metafóricas ou as baionetas literais.

Tive a oportunidade — e a vida foi muito generosa comigo — de poder conviver com a universidade, com o que ela carregava de utópico, de transformador.

Lembro-me de Darcy Ribeiro, que dizia que era preciso, a partir da universidade, impedir que Brasília mergulhasse no proibicionismo, na não cultura, que

era preciso ter um alvorecer cultural, tirar dos comparativos o conhecimento.

A universidade nos possibilita andar e ter um conhecimento absolutamente universal pelo método de Darcy Ribeiro e de Anísio Teixeira.

Por isso, digo: esta universidade não é qualquer coisa!

Penso, muitas vezes, se é verdade que Michelangelo, ao acabar a obra Pietá, disse: *“Parla, parla!”*, que Lúcio Costa, ao concluir o traço mágico de Brasília, deve ter dito: *“Voa!”* E tenho a impressão de que Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, ao fundarem e construírem a universidade, nesta concepção universal e com os pés muito colados na realidade, devem ter dito: *“Anda, anda!”* E a universidade tem andado. Penso que ela já pulou os seus próprios muros.

Tenho uma alegria muito grande, José Geraldo, ao estar em Ceilândia e ver a Universidade de Brasília, no Gama, e vermos a Universidade de Brasília, em Planaltina e vermos a Universidade de Brasília, mas termos a universidade para além dos seus próprios *campus*. Encontramos a Universidade de Brasília em todos os cantos desta cidade em que é preciso ter uma organização para que possamos nos contrapor à barbárie. Encontramos a Universidade de Brasília em Ceilândia, nas Promotoras Legais Populares, onde as mulheres se empoderaram para construir uma sociedade em que não haja dor em ser mulher.

E a universidade vai andando e vai se multiplicando. Encontramos a Universidade de Brasília na Estrutural, em Itapoã, no Paranoá. Estamos encontrando a Universidade de Brasília em todos os cantos desta cidade. Esta é a universidade que anda, que, ao ser concluída, alguém deve ter dito: *“Anda, anda”*, que está pulando seus próprios muros e carregando uma concepção de que é preciso ser universal, é preciso que o olhar e o conhecimento tenham várias leituras.

Como disse o Senador Cristovam Buarque, precisamos olhar para dentro e mergulhar neste País, que ainda não tem a capacidade de fazer os lutos em seus períodos trágicos e de concluir, portanto, ou encerrar ciclos de crueldade. É um Brasil que sai da escravidão, como se ela não tivesse havido; que sai do colonialismo como se ele não tivesse havido. É um País que sai da ditadura como se ela não tivesse havido.

No espaço da Universidade de Brasília conseguimos encontrar os desafios que são superados no processo de construção de um conhecimento que só pode ser real e genuíno se for crítico e criativo. Se for criativo! O conhecimento não é estático. Ele é criativo, ele se renova. O conhecimento deve ter uma relação dialógica com o próprio povo. É a pedagogia do oprimido, tão falada por Paulo Freire, tão falada e cantada

no sonho da construção da Universidade de Brasília por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira.

Anísio Teixeira mudou o plano urbanístico de Brasília para que tivéssemos aqui as escolas parques e que tivéssemos aqui a compreensão de que carregamos tantas inteligências e muitas delas não vistas. A inteligência corpórea, a inteligência cognitiva. Tantas inteligências nós carregamos, que foram percebidas por Anísio Teixeira. Por isso ele dizia: *“Não adianta apenas querermos que todos os nossos alunos sejam construídos na lógica da bondade. É preciso que tenhamos condições reais para que a bondade possa existir dentro de todas as escolas, inclusive dentro da Universidade de Brasília.”* Por isso Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira não podiam estar sob a égide do Governo militar. Por isso a Universidade de Brasília nasce inquieta, nasce libertária, nasce utópica e nasce resistindo! A existência da Universidade de Brasília é sinônimo de resistência! Alguns não queriam que esta cidade tivesse uma capacidade crítica e o desenvolvimento do pensamento humano. Alguns não queriam! Queriam Brasília uma cidade de tapetes e gabinetes. E a universidade ajudou a construir uma cidade com dobras, com esquinas, com suor, com cheiro, com pensamentos e desejos.

Por isso, digo que temos na Universidade de Brasília um símbolo de resistência. Houve a invasão de 1968, houve a invasão de 1977. Eu estava lá e vi a brutalidade que invadiu aquela universidade, mas vi como resistiam tantas professoras e tantos professores.

Lembro-me da minha professora Rosa, que exigia de todos os estudantes que estivessem na sala em que ela ministrava suas aulas com a carteira de identidade estudantil, porque muitos ali estavam travestidos de estudantes, para que os olhos da ditadura militar estivessem dentro de todas as salas.

E era um ato de coragem, não apenas dos 223 professores que saíram da universidade, mas de todos aqueles que teimaram em fazer com que a origem da Universidade de Brasília pudesse estar viva no dia a dia das salas de aula, no dia a dia das manifestações, no dia a dia de uma sociedade que era pura ebulição.

Eu fui expulsa da Universidade de Brasília. Tive que ir para São Paulo fazer um novo vestibular, entrar na Universidade de São Paulo. Mas, tão logo eu pude, voltei para lutar por meu retorno à Universidade de Brasília. E concluí o meu curso em função de uma anistia conquistada judicialmente. Eu já falei sobre isso, e falo de novo.

Na época em que fomos conversar com o Reitor José Carlos Azevedo para que pudéssemos voltar à universidade, ele nos disse que, para que voltássemos à universidade — e estávamos no período da pós-

-anistia —, eram necessárias duas coisas. Uma delas era vaga. Disse que não havia problema de vagas na universidade, porque havia 900 alunos que entravam através de vestibular e 1.500 alunos especiais, que eram os filhos de Ministros, de Deputados, de Senadores — e na gestão de Cristovam Buarque isso foi eliminado. E ele disse: *“Mas é preciso que nós tenhamos interesse. E não há interesse em que vocês voltem para a universidade. Vocês são personae non gratae à Universidade de Brasília”*.

E tivemos que entrar na Justiça, com o então advogado José Sigmaringa Seixas e o Deputado Heitor Furtado, para que pudéssemos voltar à Universidade de Brasília, para que pudéssemos romper com aqueles que queriam a universidade cindida e que, portanto, matavam a sua própria essência.

Por fim, digo que é muita resistência. E lembro que nós cantávamos. Cantávamos, cantávamos e cantávamos. E dizíamos: *“Que medo vocês têm de nós!”* Que medo as botas, as baionetas tinham da Universidade de Brasília.

E, hoje, quando a universidade recebe tantas ameaças anônimas, porque luta para que tenhamos uma sociedade onde o ser humano não seja invisibilizado, uma sociedade que inclua e que desenvolva valores solidários e fraternos, a universidade continua provocando muito medo. Muito medo aos obscurantistas, muito medo àqueles que não entendem que a discussão e a visibilidade das pessoas são absolutamente estruturantes para uma sociedade não apenas sem fome de pão, porque ser humano não tem só fome de pão. Nós temos fome de beleza, nós temos fome de justiça, nós temos tantas fomes que precisam entrar com centralidade na agenda nacional para não apenas fazer o Brasil, não apenas assegurar a sua soberania, não apenas assegurar a inclusão social, mas para ter um Brasil onde as ruas e as noites não nos provoquem qualquer tipo de medo, onde não haja dor em ser mulher, em ser homossexual, em ser criança, onde não haja dor desnecessária.

Por isso digo que essa é a função da Universidade de Brasília. A construção, o desfolhar deste Brasil, que tem desafios do século XVIII, do século XIX, aliados a desafios do século XXI, numa etapa da história da nossa humanidade, onde a mão invisível do mercado invadiu as cidadanias da intimidade, capturou desejos, comportamentos e sonhos. E a universidade continua resistindo.

Por isso, encerro com uma frase ou com um trecho da música que aqui foi cantada belamente pelo coral: *“A esse Brasil, esse Brasil que canta e quer ser feliz, mas um pouco dessa raça que não tem medo de fumaça e que não desiste nunca.”* Aqui a Universida-

de de Brasília é um pouco ou é parte dessa raça que não tem medo de fumaça e que canta quer ser feliz e nunca desiste nos seus princípios.

Vida muito longa para a Universidade de Brasília. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Antes de passar a palavra ao Deputado e Professor Paes Landim, a quem eu já convido para ocupar a tribuna, informo que os Deputados Policarpo e Arlindo Chinaglia pediram desculpas por se ausentarem, pois precisaram cumprir outras atividades parlamentares.

Na qualidade de Presidente da Mesa, quero registrar algumas presenças já citadas por alguns oradores: Prof. Lauro Morhy, Reitor que orgulhou a UnB; Prof. Pe. Aleixo, que também tem sido um orgulho para a universidade; Prof. Isaac Roitman, que, além de ser um grande cientista, é um lutador ferrenho pela educação de base; Deputada Arlete Sampaio, que foi minha Vice-Governadora; Ademar Sato, monge budista; Deputado Distrital Joe Valle, ex-aluno da Universidade de Brasília e Deputado Izalci, que falará depois do Deputado Paes Landim.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Com a palavra o Deputado Paes Landim.

**O SR. PAES LANDIM** (PTB-PI. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) - Sr. Presidente em exercício desta sessão solene, eminente Senador Cristovam Buarque, ex-Reitor da Universidade de Brasília, que tem, em sua vida pública e também no Senado, tentado na prática lutar pelos ideais do grande Anísio Teixeira.

O pouco tempo que Cristovam Buarque passou no Ministério da Educação, sem citar diretamente Anísio Teixeira, tentou implantar o que Anísio Teixeira sonhava: a valorização do ensino básico e fundamental, a escola em tempo integral.

V.Exa. criou a chamada Escola Ideal, a qual, até lhe disse um dia, devia se chamar Escola Anísio Teixeira, porque foi um grande sonho de Anísio Teixeira a escola em tempo integral.

V.Exa. luta até hoje para que o magistério do ensino básico e fundamental seja pago pela União, a fim de valorizar o magistério. Essa foi a grande luta de Anísio Teixeira, quando do seu discurso de posse na Presidência do Instituto Pedagógico, o antigo INEP, que hoje se chama Instituto Anísio Teixeira, modéstia à parte, graças a um projeto de lei de minha autoria.

Anísio já dizia que para evitar a politicagem nos Estados, nos Municípios, era importante que a União Federal se incumbisse do magistério do antigo ensino primário, porque iria valorizá-lo e motivá-lo para a grande missão educacional das crianças e dos adolescentes.

Portanto, V.Exa., Senador Cristovam Buarque, tem sido uma das raras vozes deste País em defesa da valorização da educação, sempre dentro dos ideais do grande Anísio Teixeira.

Mas eu quero saudar o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Prof. José Geraldo de Souza Junior, que foi meu colega contemporâneo na Faculdade de Direito na Universidade de Brasília; saudar o Senador Rodrigo Rollemberg, ex-aluno da Universidade de Brasília; saudar todas as demais autoridades presentes, e os autores do requerimento: a eminente Deputada Erika Kokay junto com o Deputado Arlindo Chinaglia, ex-aluno da UnB também, que aqui já falou.

Quero saudar também os professores da UnB presentes, meu colega Prof. José Carlos Aleixo, também da mesma Faculdade, Vamireh Chacon, Prof. Pavani — entramos juntos na Universidade de Brasília em 1969. Quero saudar o ex-Reitor Lauro Morhy. Aliás, nós tínhamos combinado prestar homenagem a Cristovam Buarque naquele momento em que ele era Ministro da Educação pelo espírito de reconciliação da Universidade com o seu passado e o seu futuro e pelo trabalho que vinha fazendo à frente daquela Secretaria de Estado. Mas, infelizmente, naquela semana em que eu havia articulado com o Lauro Morhy essa homenagem a Cristovam, o Senador deixou o Ministério da Educação.

Eu desejaria, Sr. Presidente, iniciar o meu discurso saudando o grande Presidente Juscelino Kubitschek, que nas suas memórias, assim relata a sua decisão de criar a Universidade de Brasília:

*"Troquei impressões com o Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado" — que foi um grande educador, um grande reitor da Universidade Federal de Minas Gerais — "e a conclusão a que chegamos foi de que os recrutados para essa tarefa deveriam ter a maior liberdade de ação, de forma a evitar-se que, sob a pressão da tradição e da burocracia, a nova universidade não se enquadrasse no espírito revolucionário, que era a cara de tudo quanto vinha sendo realizado em Brasília".*

E concluiu o saudoso Presidente Juscelino Kubitschek:

*"O meu entendimento com o Ministro Clóvis Salgado resultara na escolha do técnico que se incumbiria da tarefa, o Prof. Anísio Teixeira. Tratava-se de um idealista, profundo conhecedor das melhores teses educacionais e de um intelectual dotado de visão universalista do papel que competia à juventude desempenhar, em face dos desafios do mundo moderno.*



*Só essas qualidades assegurariam de antemão a realização dos dois objetivos prioritários da universidade a ser criada: renovação de métodos e concepção do ensino voltado para o futuro”.*

Anísio Teixeira, na época, presidia o INEP. Trabalhava com ele, no INEP, exatamente Darcy Ribeiro. Anísio Teixeira já tinha formulado a criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, quando foi Secretário da Educação do Prefeito do Rio de Janeiro, Dr. Pedro Ernesto, e escolheu para o magistério o que havia de melhor na inteligência nacional, desde Hermes Lima, Gilberto Freire, Afrânio Peixoto, Carneiro Leão, entre outros, além de professores estrangeiros. Em razão da Intentona Comunista de 1935, a pressão fascista afastou Anísio da Secretaria de Educação, resultante na morte da Universidade do Distrito Federal, que foi incorporada à futura Universidade do Brasil. Mais ou menos no mesmo período, o grande Armando Sales de Oliveira criava a Universidade de São Paulo. Mas o fato interessante é que, se Anísio foi um grande formulador do projeto da Universidade de Brasília, a sua alma *mater* foi indiscutivelmente Darcy Ribeiro.

Darcy conta, em um dos seus trabalhos, um episódio interessante. Havia certa resistência da assessoria do Presidente *Kubitschek* à criação de uma Universidade em Brasília. Um dia, Ciro dos Anjos, que era Subchefe da Casa Civil, disse a *Víctor Nunes Leal*, que era Chefe da Casa Civil: *“Você conta ao Presidente Juscelino o seguinte, para acabar de convencê-lo da importância da criação da Universidade de Brasília: o grande Thomas Jefferson, que foi o autor da Declaração da Independência dos Estados Unidos, Presidente dos Estados Unidos, disse, certa feita, antes de morrer: ‘Quando eu morrer não precisa dizer no meu túmulo que eu fui autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos, nem dizer que eu fui Presidente dos Estados Unidos. Eu quero que vocês ponham lá: Foi fundador da Universidade de Virgínia’”.*

Então, isso inspirou muito *Kubitschek* a se entusiasmar pela ideia da universidade. Por isso eu acho que a Universidade tem de homenagear Juscelino, porque realmente foi uma ideia extraordinária desse grande Presidente a criação da Universidade de Brasília. Como também merece homenagens o nosso grande Anísio Teixeira, que foi o maior pensador da educação no Brasil de todos os tempos.

Aliás, recentemente, a revista *Veja* escolheu os 50 maiores brasileiros de todos os tempos. E lá estão Juscelino *Kubitschek*, Anísio Teixeira e também o grande San Tiago Dantas.

Quem foi San Tiago Dantas? O maior civilista do Brasil, o professor mais jovem do Brasil e o que deu

formato ao projeto de lei que criou a Universidade de Brasília, transformado na Lei nº 3.998, de dezembro de 1961.

Vejam o aspecto fundamental: a criação da Universidade de Brasília foi legitimada pelo Congresso Nacional. Juscelino encaminhou o projeto de lei, que tramitou no Governo Jânio Quadros. Com a queda de Jânio Quadros, Darcy assume o Ministério da Educação, e, com isso, conseguiu articular a sua aprovação, no Governo do Presidente João Goulart.

San Tiago Dantas, o maior jurista do Brasil, deu o retoque final, conforme assinalei na lei que criou a Universidade de Brasília. Daí eu ter lutado em homenagem à sua pessoa, resgatar grande parte de sua obra na UnB, apondo seu nome numa das salas da escola de Direito com o nome de San Tiago Dantas, mas, infelizmente, parece que desapareceu.

A Universidade de Brasília teve uma concepção fantástica. O seu decreto de criação, além do Presidente João Goulart, tem a assinatura do Primeiro Ministro Tancredo Neves, uma figura marcante também da história do Brasil, que participou de algumas palestras na Universidade de Brasília, inclusive de um seminário especial que fizemos sobre a memória do grande San Tiago Dantas.

Pode-se dizer que eu ingressei na Universidade de Brasília nos seus tempos mais dramáticos, mais polêmicos, mais controvertidos, mas também muito ricos. Foi nesse momento que a Universidade recebeu professores sem consultar os órgãos de informação. Se tivesse consultado os órgãos de informação, talvez perdesse a oportunidade de ter como professor e depois como futuro Reitor o eminente Senador Cristovam Buarque.

Essa foi a vantagem da UnB, nos seus tempos mais difíceis, mais tormentosos. O Reitor Azevedo tinha autoridade e independência para contratar todos os nomes de professores que os departamentos lhe encaminhavam. E nunca consultou o SNI sobre a ficha de ninguém. E foi graças a isso, graças a Deus, que tivemos o Prof. Cristovam, um homem equilibrado, sensato, de pensamento de esquerda, mas chegou a ser Reitor da nossa universidade, Ministro da Educação, Governador de Brasília e Senador da República.

Eu imaginava, há poucos instantes: eu fui professor de dois alunos, um chegou à Presidência da República, Fernando Collor; e outro à Presidência do Supremo, Gilmar Mendes. Então, vejam que nesses tempos polêmicos, controvertidos, dramáticos até e de muito autoritarismo, foi uma universidade rica, viva de ideias.

Conseguimos reunir, em vários seminários, para discutir temas políticos e acadêmicos, pensadores do

porte de Afonso Arinos, Hélio Jaguaribe, Celso Lafer, Marcílio Marques Moreira, Tércio Sampaio Ferraz, José Guilherme Merquior, Cândido Mendes e vários outros, sem falar no famoso seminário internacional de repercussão, em que trouxemos o que havia de melhor no pensamento econômico do mundo daquela época, inclusive a grande economista Joan Robinson — não sei se chegou a ser professora, conhecida do ex-Reitor Cristovam Buarque —, Maurice Duverger, Raymond Aron e o grande Norberto Bobbio.

Foi um tempo interessante, apesar de toda a polêmica, toda a controvérsia e todas as injustiças, que, evidentemente, foram cometidas nesse período.

Não posso esquecer-me de citar um seminário muito interessante sobre sistema de representação política, em que participaram, além de Tancredo e Ulysses Guimarães, como debatedores, figuras como Hélio Jaguaribe, Bolívar Lamounier, Djalma Marinho e pensadores ligados ao tema no Brasil.

Houve um fato interessante: o seminário foi realizado no auditório da Reitoria da Universidade de Brasília, em que estava presente o grande Ulysses Guimarães, que, evidentemente, não gostava do reitor de então. Mas o reitor também estava presente e foi levá-lo no carro, quando acabou a solenidade. Percebi, no elevador, o espanto do Ulysses diante da figura do reitor, meu particular e saudoso amigo, Prof. Azevedo.

**O SR. VLADIMIR DE CARVALHO** (*Fora do microfone*) - Sr. Presidente, isso é um absurdo e um acinte à memória da Universidade de Brasília. Retiro-me em protesto à menção horrorosa que o senhor fez. (*Palmas.*)

**O SR. PAES LANDIM** - Tudo bem. O tempo foi polêmico e difícil. Mas, Sr. Presidente, quero trazer para o meu caro Senador Cristovam Buarque um aspecto importante. A Lei n.º 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que criou a Universidade de Brasília, a considerava pessoa jurídica de direito privado, com plena autonomia. Tinha patrimônio, salários e carreira próprios, mas, infelizmente, transformaram-na, anos depois, em fundação de direito público.

Cheguei a conversar com V.Exa. no Ministério da Educação quando disse: “Cristovam, seu grande desafio, quem sabe, é repristinar a lei original. A universidade deve voltar a ser diferenciada das outras, porque esse era o objetivo de Darcy Ribeiro. Há um depoimento dele muito interessante, em que diz que ela tinha de ser diferenciada das outras para evitar que fosse uma universidade burocratizada, padronizada.

Vejam, quando ele vem justificar a criação da Universidade de Brasília — inclusive, um dos mais belos depoimentos, um dos mais belos documentos da Câmara dos Deputados —, diz, meu caro Cristovam Buarque, o nosso saudoso Darcy Ribeiro, neste

depoimento à Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, em 1961, falando sobre a crise das universidades do Brasil:

*“Este é um fato de extrema gravidade que faz ressaltar, mais uma vez, a convicção do mundo inteiro de que o poder de uma nação e a sua capacidade de garantir o padrão de vida progressivamente mais alto a seu povo depende da qualidade da mão de obra que possa mobilizar. Nisso é que temos fracassado da forma mais fragorosa, de uma forma que constitui mais um escândalo de que todos precisamos tomar consciência por sua extrema gravidade, mesmo nas áreas mais desenvolvidas do País”.*

E continuava Darcy Ribeiro, nesse famoso depoimento à Câmara dos Deputados do Brasil, em 1961.

Vejam bem, hoje, meu caro Cristovam Buarque, eu sei que V.Exa, se continuasse no Ministério, iria corrigir. A burocracia hoje cria universidades ao seu talante, às vezes, sem examinar os critérios de valoração, demanda, etc.

Houve um período no Brasil em que as universidades públicas eram criadas por este Congresso Nacional. O Governo enviava a proposta ao Congresso, que a submetia à apreciação e à deliberação.

Por isso, Darcy veio à Comissão de Educação e disse, nesse depoimento, sobre a Universidade de Brasília:

*“O problema era escolher entre repetir aqui a universidade do tipo comum, que se multiplica pelo País afora, e com mediocrização crescente do modelo original, ou tentar aqui uma instituição universitária nova, capaz não apenas de se somar às outras como mais uma, mas capaz de ser aquela que pudesse dinamizar, ao longo dos anos, as demais universidades”.*

Anos mais tarde, lamentava a distorção do projeto de lei original:

*“O pior é que, submetida à ditadura burocrática do Ministério da Educação e à sua mania de uniformidade e isonomia, se converteu em uma universidade federal a mais, [...] perdendo o caráter autônomo e experimental que a lei lhe dera”.*

Eu tenho certeza, meu caro Cristovam Buarque, de que V.Exa., se tivesse continuado no Ministério da Educação, iria corrigir isso, iria retornar ao projeto original, porque eu senti em V.Exa. entusiasmo pela a ideia. Aliás, essa conversa com V.Exa. foi inspirada



em uma conversa com o Lauro Morhy: “*Convença o Cristovam. Nós temos que reprimir a lei original da Universidade de Brasília, dar a ela plena autonomia, para que ela seja diferente das demais*”. Para isso ela foi criada, e não como nosso Darcy lamentou: essa mania de padronizar do Oiapoque ao Chuí todos os cursos, todos os métodos, todas as pedagogias, evidentemente sem levar em conta a realidade de cada local, de cada sociedade, de cada Estado.

O certo, enfim, é que a Universidade de Brasília, com seus erros e desacertos, com injustiças cometidas, prestou e vem prestando grandes serviços ao País.

Há poucos instantes, daqui saiu o nosso ex-Presidente da Câmara e Líder do Governo Arlindo Chinaglia, que lá forjou também sua capacidade de liderança política nesses anos dramáticos da Universidade de Brasília, resultado do regime autoritário que infelizmente assolou o País naquele momento. Mas a Universidade precisa resguardar cada vez mais o legado desses dois grandes idealistas que foram Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, exatamente dentro dessa concepção de universidade moderna e de uma educação voltada para valorizar a escola pública, valorizar o cidadão, posto que ela é o grande instrumento de inserção social.

Nesse sentido, meu caro Cristovam Buarque, com todas as experiências havidas com V.Exa. ao longo da história da Universidade de Brasília, como homem público, é factível a sua preocupação de dar à educação brasileira a escola pública, a básica, a fundamental e a universidade exatamente aquele *script* tão sonhado por Anísio Teixeira e também tão combatido, na sua luta, por Darcy Ribeiro.

Muito obrigado. Salve a Universidade de Brasília. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Obrigado, Deputado Paes Landim.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Quero mencionar a presença de algumas pessoas que não foram citadas: Sadi Dal Rosso; Vamireh Chacon, meu professor em Recife; Vice-Reitor João Batista; Sr. Simplício, servidor aposentado da UnB.

Quero citar também de maneira especial — eu acho que ninguém o havia feito — Vladimir Carvalho, que saiu daqui, Deputado, com um gesto universitário. Isso mostra que a UnB está aqui; a UnB está aqui para ouvir as pessoas e manifestar-se em relação ao que houve. Então, presto homenagem a Vladimir por seu comportamento e agradeço, ao mesmo tempo, ao Deputado Paes Landim, por trazer uma parte considerável da história que não podemos esquecer. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Concedo a palavra ao Deputado Izalci, que falará pela Liderança do Partido da República.

Depois, ouviremos nosso Reitor e, por fim, encerraremos a solenidade.

**O SR. IZALCI** (Bloco/PR-DF. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Senador Cristovam Buarque, a quem parabeno pela iniciativa desta sessão solene; ao mesmo tempo, parabeno a Deputada Erika Kokay e o Deputado Arlindo Chinaglia.

Cumprimento nosso Senador Rodrigo Rollemberg; o Reitor da Universidade, Prof. José Geraldo de Souza Júnior; o Chefe da Casa Civil do Distrito Federal, Swedenberger Barbosa; a Secretária de Promoção e Igualdade Racial, Sra. Josefina Serra dos Santos; o Secretário-Geral da Associação Internacional dos Presidentes de Universidades, Sr. Heitor Gurgulino; e o fundador da Universidade de Brasília, Sr. Luís Humberto Martins Pereira.

Cumprimento os demais Deputados e Senadores presentes.

Sr. Presidente, vou falar em nome dos excluídos da UnB. Não pude realizar um sonho como aluno, mas vendo o que V.Exa. escreveu nesse documento, verifico que é a pura realidade. Os alunos da universidade são escolhidos, salvo exceção, entre os filhos dos que já foram universitários. Os que chegam à universidade tiveram os livros, desde cedo, em casa, estudaram em bons colégios e tiveram orientação familiar. Esse é o nosso grande desafio.

O Deputado Arlindo Chinaglia disse que teve o privilégio de estudar na Universidade de Brasília, e seu pai era caminhoneiro. Não tenho nenhuma dúvida de que S.Exa. também estudou em uma escola de qualidade. Ainda peguei, no Ginásio do Guará, nos anos 70, uma escola pública de qualidade. Infelizmente, não é a realidade de hoje, o que é lamentável. Esse é o nosso grande desafio.

Percebemos na Casa, no Congresso de um modo geral, e no Executivo, que a educação é prioridade, mas apenas, por enquanto, nos discursos. Toda vez que se fala em recurso, deixa de ser prioridade.

No final do ano passado, como integrante da Comissão do Plano Nacional de Educação, tive o privilégio de convocar à Casa o Ministro da Fazenda. Era fundamental, naquele momento, a sua presença, para justificar o porquê de não se chegar aos 10% do PIB para a educação. Não fui atendido, mas fomos recebidos no Ministério, com toda a Comissão. Lá, pudemos perceber, claramente, que o Ministro Mantega sequer sabia o que era Plano Nacional de Educação.

Isso demonstra claramente que nosso País não prioriza a educação como deveria. Este é o nosso desafio neste momento: aprovar nesta Casa um Plano Nacional que trabalhe por uma educação de qualidade, integral, por um ensino superior de qualidade, e

que os alunos possam entrar nas universidades em função do seu talento. Mas para isso precisamos melhorar o ensino básico. Esse é o grande desafio que temos pela frente.

Quero dizer que mesmo não sendo aluno da Universidade de Brasília, tive o privilégio de trabalhar com ela durante muitos anos. Fui Secretário de Ciência e Tecnologia por dois mandatos e também conduzi a Fundação de Apoio à Pesquisa. Posso dizer que, no período em que fui Secretário, investimos mais em pesquisa do que em toda a história da Fundação de Apoio à Pesquisa.

Tive o privilégio, junto com a Universidade de Brasília, de criar o Centro de Genômica, que poucos conhecem aqui no Distrito Federal. Foi um investimento de mais de 30 milhões, e hoje tem a parceria da Universidade de Brasília, da Universidade Católica, do LACEN, da Polícia Civil e da EMBRAPA.

Tive o privilégio também, junto com a Universidade de Brasília, de conduzir o estudo e o projeto da Universidade Digital, que há 12 anos encontra-se parado por falta de prioridade de investimento em inovação e tecnologia no Distrito Federal.

Também tivemos um grande projeto de inclusão digital juntamente com a Universidade de Brasília, pelo qual quase 500 mil pessoas foram beneficiadas.

Fizemos também a Universidade Aberta em Brasília e a levamos para Santa Maria e Ceilândia. Tivemos vários projetos em parceria com recursos de pesquisa. A UnB, no período da nossa gestão, recebeu em torno de 70% dos recursos.

Hoje, vou encerrar a minha fala lançando um desafio à Universidade de Brasília. O Senador Cristovam nos prestigiou com o lançamento, no ano passado, no Memorial JK, no aniversário de JK, do *Movimento Brasília 100 Anos*, que é o trabalho de um projeto estratégico para Brasília.

É inadmissível aceitarmos dirigentes, hoje, que não tenham um planejamento para a nossa cidade; é inadmissível que uma cidade como a nossa continue sem planejamento, sem estudo técnico. Dispomos de várias entidades, conselhos regionais e faculdades particulares.

Faço um desafio e uma proposta à Universidade de Brasília: que nos ajude a construir esse planejamento estratégico para os próximos 50 anos.

Já temos como parceira a Fundação Dom Cabral, o Ministério da Ciência e Tecnologia, com o CGE e com o IBICT, à frente desse projeto. Dediquei todas as minhas emendas, por meio do IBICT e do Ministério da Ciência e Tecnologia, ao projeto.

Então, com relação à Universidade de Brasília, como disseram os Senadores, é fundamental que pos-

samos estudar, ter uma visão de futuro. Temos de olhar, como disse o Senador Cristovam, para trás, mas com uma visão de futuro. O Movimento Brasília 100 anos vem de fora para dentro, e a presença da Universidade de Brasília é fundamental.

Esse projeto tem como lema *O futuro do Distrito Federal escrito por todos*. Criamos 14 grupos estratégicos e temáticos, que farão o planejamento estratégico de cada Região Administrativa. Conto com a Universidade de Brasília, porque essa é uma contribuição importante para a nossa cidade.

Eu fiz um esforço muito grande na minha gestão para aproximar a universidade do Governo e das empresas. Na primeira reunião do Conselho de Ciência e Tecnologia, o que me deixou mais indignado foi quando os empresários disseram que na realidade várias faculdades, não digo apenas a UnB, mas principalmente as demais faculdades, estavam preparando os alunos para uma situação já ultrapassada na própria área de tecnologia.

Caminhar juntos Governo, universidade e empresas é fundamental para o nosso País, para a nossa juventude, para a geração de emprego.

Portanto, quero aqui dizer da minha alegria. Não desisti do sonho ainda, Reitor José Geraldo, de estudar na Universidade de Brasília. Acho que ainda vou ter tempo para isso, mas quero aqui agradecer pela parceria que fizemos e solicitar de V.Sas. e também de todos os mestres, pesquisadores da universidade, que nos ajudem nesse projeto. Brasília precisa de um projeto de Estado e não de Governo.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Uma sessão de homenagem a uma universidade, qualquer que seja, não pode ficar muito presa ao Regimento, salvo a hora do término para o começo de outra sessão. Por isso, vou quebrar as regras normais da vida parlamentar.

Antes de passar a palavra ao nosso Reitor, passarei a palavra para o Sr. Luís Humberto, que pediu para falar em nome dos professores. Pode V.Sa. falar daqui mesmo. (*Pausa.*)

Antes, porém, pela ordem, concedo a palavra ao Sr. Wílon, figura extremamente representativa na cidade

**O SR. WÍLON WANDER LOPES** - Boa tarde a todos. Cumprimento a Mesa na pessoa de seu Presidente, Senador Cristovam Buarque. Meu nome é Wílon Wander Lopes. Eu tive a feliz oportunidade de entrar na Universidade de Brasília em 1965, junto com uma pessoa cujo nome é preciso lembrar neste momento. Nós estamos aqui e agora comemorando o aniversário de 50 anos de uma universidade no Senado Federal da República. É preciso lembrar que pela Universidade de

Brasília passaram pessoas muito importantes que já se foram. Faço questão, como então Diretor da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília, por ter tido a honra de substituí-lo porque foi subtraído de nós, de nominá-lo: Honestino Monteiro Guimarães. (*Palmas.*)

Muito obrigado, Presidente desta sessão conjunta do Congresso Nacional, Senador Cristovam Buarque. É assim que se faz a Universidade de Brasília, é assim que se faz Brasília, esta cidade que também nasceu do pensamento. Não nasceu da necessidade, nasceu do pensamento. É preciso que a Universidade de Brasília seja efetivamente a principal construtora da cidadania desta cidade. Nós já construímos Brasília fisicamente. A Universidade de Brasília tem esse poder, tem essa capacidade e tem essa importância.

E eu tenho certeza de que Honestino Monteiro Guimarães, que é o líder político mais importante que esta cidade já criou, gostaria muito de estar aqui presente. Eu tenho certeza de que algumas pessoas devem ter sentido alguma coisa de Honestino neste momento em que nós comemoramos os 50 anos da UnB, nos 52 anos de Brasília.

É muito importante, Sr. Presidente, Senador Cristovam Buarque, homem que honra a política deste País, dizer também que completamos neste ano de 2012 — e até agora eu não ouvi nenhuma manifestação nesse sentido e é preciso que se lembre — os 25 anos da conquista do direito de voto para o Distrito Federal.

A UnB foi um dos vetores mais importantes para essa conquista do direito de voto. Em 1º de fevereiro de 1987, 25 anos atrás, a nossa primeira representação federal — oito Deputados Federais e três Senadores — inaugurava a representação política no Distrito Federal.

Então, quero dizer, finalizando, Senador Cristovam Buarque, Presidente desta sessão, que não podemos, nesta comemoração de aniversário dos 50 anos da nossa UnB, de maneira alguma, esquecer estes dois momentos importantes: o aniversário de 52 de Brasília e os 25 anos da conquista do direito de voto para o Distrito Federal.

Muito obrigado, Presidente. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Em nome da Mesa, agradeço ao Sr. Wílson Lopes por ter trazido o nome de Honestino Guimarães. Temos criadores, temos heróis, temos batalhadores, mas mártir só temos Honestino.

Ele foi o mártir na luta pela democracia a partir da UnB. Então, sua manifestação foi extremamente pertinente.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - O Senador Paulo Paim encontra-se presente. Estou acostumado a ver S.Exa. bem ali, e de repente mudou de lugar.

Não sei se o Senador Paulo Paim gostaria de fazer uso da palavra, mas, de qualquer maneira, vou conceder a palavra ao Prof. Luís Humberto.

**O SR. LUÍS HUMBERTO MIRANDA MARTINS PEREIRA** - Eu, com a legitimidade que me confere o fato de ter sido um dos fundadores da UnB, primeiramente, gostaria de saudar os componentes da Mesa: o Prof. Heitor Gurgulino de Souza, que conheço há mais de 30 anos e sempre do mesmo jeito — ele vai ter de me dizer, no final da sessão, que água bebe; o Berger, já conhecido de longa data; e o Rollemberg, amigo da família, meu amigo — são 13 filhos, difícil dividir uma amizade com tanta gente, mas a gente consegue; os nossos amados ex-reitores e atual Reitor; Cristovam Buarque — nossas famílias devem ter lutado contra os holandeses em Pernambuco, que tentam se vingar da gente até hoje, de vez em quando, ganhando no futebol, que é onde eles podem; Prof. José Geraldo de Souza Júnior, Reitor da paz; minha mais recente amiga de infância, Josefina Serra dos Santos, com quem já conversamos tanto aqui que ficamos amigo de infância.

Não se assustem, os meus vícios acadêmicos não vão me ajudar a elaborar uma tese de doutorado aqui.

Quero agradecer também pela presença aos meus colegas da UnB, a outras pessoas da cidade, a pessoas bem conhecidas, cujos nomes não vou citar. Menciono o nome Vice-Reitor, que está me olhando, João Batista.

O que penso é o seguinte: que tempos são estes em que vivemos, onde o crime transita cotidianamente com a desenvoltura nos nossos dias? O que aconteceu com o homem? O que aconteceu com o País? Você trabalha com o tempo de perda de limites, não existe mais limite de tipo algum. Nós temos o consumo como a reinvenção do desejo e do inatingível, criando ressentimentos e animação do ódio.

O professor tem neste momento um papel muito importante, de não entregar, não ser pessimista e não acreditar no impossível. A utopia, na verdade, não é uma coisa impossível; a utopia é o futuro do futuro. E se nós acreditamos nisso, ela se torna possível.

O professor vai além de um transmissor de conhecimento requeentado, ele é o formador da sensibilidade e da cidadania. O sentido da vida é construirmos uma herança para os que vêm atrás receberem essa herança, que se torna mais importante, mais pesada e mais fina, na medida em que ela tem basicamente um conteúdo não só de qualidade, como um conteúdo ético. É o que se perdeu basicamente neste País completamente — no mundo também, não só no País.

Na verdade, uma das coisas que dificulta muito o crescimento deste País é a forma educada e gentil como tratamos os carrascos da véspera. Os nossos



carrascos da véspera se tornam gentis, amáveis e liberais quando derrotados. Ficam tão extraordinários, na verdade cúmplices de todos os processos de agressão e morte dos sonhos e das pessoas.

Então, eu acho que o Brasil é um País que exige... Eu aprendi dentro da UnB, vivendo com alunos, com professores, com as desgraças que ocorreram e com a capacidade de fênix com que a universidade teve de se levantar, que o homem pode ser simultaneamente um cavalheiro de armadura coriscante, capaz de matar dragões, mas, por outro lado, ele pode ser um demônio capaz de matar sonhos.

Fazer uma nação exige um heroísmo que vai, certamente, nos jogar para o anonimato, para a falta de reconhecimento, de condecorações e, principalmente, para a ausência da mídia.

Então, eu acho que no momento nós estamos aqui celebrando 50 anos de batalhas, as quais vencemos todas.

É isso, meus amigos. Viva a UnB! (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Agradeço a participação ao Prof. Luís Humberto.

Aproveito para fazer referência, como S.Sa. o fez, ao Prof. Heitor Gurgulino. Realmente, o Prof. Gurgulino é um homem que tem jovialidade permanente. Basta dizer que, com os seus mais de 80 anos, por tantos lugares que morou, Japão, França, filho fora daqui, ele tem pontos diferentes de moradia, e, em cada um desses pontos, tem uma bicicleta. (*Risos.*) Isso explica tudo.

Mais importante do que isso: é um homem que está sempre olhando para o futuro. Está sempre trabalhando com o futuro e agora é um dos patronos de um livro que está sendo lançado comemorando os 40 anos do Clube de Roma. Agora vai ser feito um sobre os próximos 40 anos, e ele é um desses representantes.

Registro a presença e cumprimento o ex-Senador e ex-Vice-Governador Paulo Octávio.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Passo a palavra ao Magnífico Reitor José Geraldo de Souza Júnior, para encerrar esta solenidade.

**O SR. JOSÉ GERALDO DE SOUSA JÚNIOR** - Sr. Presidente da sessão, Senador Cristovam Buarque, um dos subscritores do requerimento que a instalou, assim como o Senador Rodrigo Rollemberg; Deputado Arlindo Chinaglia, já ausente e Deputada Erika Kokay, também subscritores.

Cumprimento o Secretário Swedenberger Barbosa, nosso aluno da Universidade de Brasília, amigo da universidade, de muitas ações. Muitos de nós não sabemos o quanto somos seus devedores, incluindo os nossos salários; Prof. Heitor Gurgulino, Presidente do Colégio de Presidentes de Universidades, ex-Reitor da Universidade das Nações Unidas e interlocutor

contínuo da Universidade de Brasília; querido amigo e fundador Prof. Luís Humberto Miranda Martins Pereira; querida Secretária Josefina dos Santos, que já foi minha aluna não na UnB, mas na sua formação em Direito, sendo uma expressão do percurso que V.Exa., Senador Cristovam Buarque, insiste deva ser a dimensão mais emancipatória do nosso País. A secretária se bacharelou em Direito, teve que vencer a sua origem de negra, de excluída, de empregada doméstica, para fazer o percurso que é a trajetória de todos os nossos preceptores, aqueles que orientam o caminho da nossa emancipação social. É um orgulho muito grande ter sido o seu professor, Josefina, e tê-la aqui hoje nessa posição.

Quero também cumprimentar os diretores, dirigentes, servidores, professores, estudantes, representados aqui presentes da Universidade de Brasília e de outras universidades que se fizeram representar; os membros do corpo diplomático — estou vendo aqui presente o Embaixador Horacio Sevilla Borjas, do Equador, nosso parceiro atual na universidade e promotor, junto com a UnB, da realização atual do FLAAC 2012. A Senadora Ana Amélia lembrou essa representação forte da cultura da UnB. Cumprimento ainda Zulu Araújo, que o coordena, junto com o Decano de Extensão, Prof. Oviromar Flores; todos os decanos da nossa universidade, professoras e professores eméritos que estiveram aqui, e, não podendo mencionar todos, refiro-me muito particularmente à Profa. Léa Labouriau, que também já teve de se retirar; o ex-Reitor, Prof. Lauro Morhy, representando no plenário os reitores que já passaram na UnB.

Muito especialmente, cumprimento o Senador Paim, que tem feito de sua Comissão um espaço de defesa da emancipação social. Creio que quarta-feira, Senador, começa o julgamento da nossa política de cotas. E acho que temos razões para confiar nisso que representa uma das dimensões mais emancipatórias da nossa universidade e das universidades brasileiras que seguiram esse caminho. (*Palmas.*)

Eu tinha preparado um discurso formal, que, claro, a essa altura, não lerei, seja porque o horário já não o permite, seja porque era um discurso de prestação de contas, e ele pretendia traduzir o itinerário de realização da nossa universidade. Entretanto, aqui nesta sessão, várias manifestações, notadamente dos Senadores e Deputados, já revelaram que esse itinerário é conhecido, reconhecido, respeitado e celebrado.

Então, eu quero abdicar de repor esses dados e realçar apenas que eles traduzem, na sua constitutividade, um itinerário que honra à UnB, na sua concepção, no seu projeto e na sua perspectiva de valores e princípios que ela intenta realizar.

Quero apenas registrar, a partir disso, que a universidade se mantém leal aos fundamentos da sua origem. Relativamente à sua concepção, ela é ainda aquela universidade necessária de que falavam os seus criadores, aqui já também homenageados, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e, na fonte do seu pensamento, todos aqueles que, como Anísio e Hermes Lima, assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, e que sinalizaram para o projeto de universidade brasileira de função de educação superior o sentido de republicanismo e de laicidade que deveria ser a sua marca fundante para abrir o ensino público como uma condição de fundamentar o desenvolvimento do País.

É preciso associar a ideia de universidade à ideia de desenvolvimento sustentável, não nos termos em que hoje, atualizando, damos sentido ao conceito, mas nos termos daquela integridade que deve presidir todo o processo de desenvolvimento. Ou ele é um desenvolvimento humano fundado na justiça social, fundado na solidariedade que gera uma perspectiva de distribuição equitativa, ou ele será um instrumento de elitização, de exclusão, de fratura do próprio País e de sufocamento da sociedade, o que tinha sido a experiência anterior.

A ponto de entrarmos no século XX sob o legado de uma Constituição liberal que propunha a igualdade, a fraternidade e a liberdade — não será homem senão aquele que se funde no princípio da sua igualdade e da sua liberdade —, mas trazendo o ranço de uma experiência censitária, excludente, que ainda conferia ao modelo de trabalho em nosso País — e estamos falando do século XIX, estamos falando de uma Constituição promulgada em 1824 —, que ainda conservava um sistema escravocrata.

De modo que todos eram iguais perante a lei, eram cidadãos no sentido de que portavam as condições de dignidade, mas num contexto de exclusão escravocrata, em que os escravos, não sendo livres e nem iguais, a massa de trabalho, nem homens eram. E, de fato, o regime jurídico decorrente desse modelo era de tratamento do trabalhador como coisa, podendo ser comprado ou ser vendido.

Esse compromisso de uma universidade identificada com as expectativas de desenvolvimento do País sinalizou para sua função moderna, em nosso País, aquilo que depois se transmitiu para o projeto de fundação da UnB: o conhecimento tem que emancipar, o conhecimento não pode ser diletante, o conhecimento pode e deve — e essa era uma das lealdades inscritas na concepção do projeto — ser base de compartilhamento civilizatório. Mas ele só será fundamento para a construção civilizatória se for carregado de compromisso social.

E é por isso que a nossa universidade se instala, tendo como referência fundante para amalgamar a ideia de desconhecimento com a ideia de compromisso social, tendo como referência os direitos humanos.

A nossa universidade sempre foi marcada por esse compromisso. A sua história é essa história. Por isso ela aqui hoje esteve presente, muito vivamente, lembrando que em nome dos direitos humanos nem a fidalguia do presente deve levar ao esquecimento do passado, nem a projeção sem memória daquilo que foi o protagonismo passado deve ensejar disposições de autoanistia.

Anistia é uma conquista da sociedade. Mas a autoanistia é uma excrescência. Então, nós podemos ter a consciência de que aqui entre nós essa dimensão emancipatória da universidade se renova também em função desses compromissos.

Quero dizer que nossa universidade é necessária, assim trabalhada na concepção de Darcy, porque respondia às expectativas de comprometimento com a formação de uma sociedade, de um País, de uma Nação. Não há universidade que não esteja ligada à perspectiva de fundar uma nação e construir o processo de fortalecimento do seu desenvolvimento.

Estejam seguros os Srs. Parlamentares que promoveram esta sessão solene — que tanto nos honra —, que este compromisso está garantido, está preservado. Nossa universidade continua necessária, quer ser também emancipatória e se mantém fiel a esses compromissos.

Quando, na quarta-feira, se julgar a ADPF das cotas, estaremos construindo um padrão para o País. E estamos conscientes de que foi a UnB que o inaugurou. (*Palmas.*)

Então, abdicando dos dados, quero apenas dizer que eles se traduzem nisso que aqui foi objeto de referências. E aí se insere a outra nota dessa concepção original, que é a vocação inscrita no projeto de conferir à UnB a ideia de uma universidade completa. Ela é completa porque se amplia nos seus instrumentos próprios do que é uma universidade.

Quando o Senador Cristovam Buarque deixou o reitorado, fez um registro. E eu reli nesses dias o seu texto: *Universidade Tridimensional*. Estamos falando de 1989, e ele dizia quando a universidade tinha 53 cursos de graduação e 4 doutorados. Agora, no cinqüentenário, estamos com 105 cursos de graduação, 147 mestrados e doutorados, incluindo o doutorado no qual S.Exa. continua dando aula. (*Palmas.*)

Ela é completa nesse sentido, porque continua conferindo as dimensões da sua expansão. É completa também porque, como aqui também foi dito, tornou-



-se *multicampi*, porque está presente nas cidades, Sr. Secretário.

Ela é, como lembrou o Senador, uma universidade nacional — porque, ou é nacional, ou não é universidade —, mas é também uma universidade distrital. Então, ela tem compromisso com as cidades, porque é fruto do mesmo impulso utópico que criou Brasília. O gesto é o mesmo, a visão de estadista que está presente na contribuição dessa formação é a mesma. E ela é universidade completa, no Distrito Federal, associadamente com os esforços de conferir a educação geral, porque a universidade forma professores, forma profissionais.

Ela é completa no sentido de que compartilhamos os mesmos princípios, os mesmos valores de desenvolvimento da educação, no âmbito onde nós nos instalamos. O nosso *campus* é o Distrito Federal. Estamos instalados no Plano Piloto, no Darcy Ribeiro, em Planaltina, na Ceilândia, no Gama, com contribuição real nos investimentos atuais — a cada real federal, há 1 real distrital colocado nesse investimento. E certamente isso nos torna também a universidade pública do Distrito Federal. Somos completos nesse sentido.

E somos mais completos ainda porque a tecnologia hoje nos dá a condição de podermos estar presentes no País inteiro, pela educação a distância. Esta revista, *Darcy*, que traduz o nosso esforço de comunicação — não de comunicação científica, mas de divulgação científica —, todos os professores da rede de ensino secundário em Brasília, notadamente das escolas públicas, a recebem. Elas são utilizadas nas oficinas, para serem assimiladas nas balizas curriculares, nos instrumentos pedagógicos que seus editoriais trazem.

Estamos, portanto, nessa perspectiva de uma presença interlocutora, construtiva, nesse âmbito de nossa atuação.

Eu não quero me alongar, e já disse as razões, na condição de prestar contas. Quero colocar-me na perspectiva de agradecer. Agradecer, sobretudo, o Parlamento brasileiro pelo reconhecimento. E o Parlamento local amanhã fará também uma sessão solene na Câmara Distrital, para homenagear a UnB — Wilton, espero que você esteja lá; nós, que trabalhamos na Ordem dos Advogados e atuamos na defesa das liberdades democráticas.

Eu quero agradecer aos Parlamentares, sobretudo em dois âmbitos, primeiro aos Parlamentares que convocaram esta sessão. Isso configura algo de que todos nós já nos demos conta, porque é notável: que há uma bancada da UnB. (*Risos.*)

Não é a bancada da representação política, mas nos ajuda profundamente, tanto do ponto de vista de propostas e ideias, como de contribuição orçamentária. Não quero fazer citações para não destacar os

que estão presentes em relação a essa tremenda contribuição. Sem ela, não seria possível fazer o que fazemos, como nadar nas nossas piscinas, Senador Rollemberg — espero que o senhor nade, quando ela se reinaugure, após as emendas —, ou promover o FLAAC, Senador Cristovam. Espero que nos ajudem a liberar os recursos que o Zulu está esperando.

Eu diria que é uma bancada da UnB porque ela se estende para além da representação do Distrito Federal. Vimos aqui o Deputado Chinaglia, que é de São Paulo. Não está presente o Senador Jorge Viana, mas, há dias, esteve conosco para discutir o pós-Código Florestal. São ex-alunos, ex-professores, ex-servidores que têm com a UnB um vínculo de identidade e também de associativismo cívico e acadêmico em relação a seu destino e a seu projeto.

Quero também agradecer o reconhecimento. O Parlamento tem sido um espaço, com suas configurações pós-1988, ainda não plenamente conhecido no âmbito da sociedade brasileira. Ela ainda imagina que a dinâmica Parlamentar é só o momento de votação em plenário. O quanto este é um Parlamento ativo no sentido da cidadania e da construção de entendimentos. Uma sessão como esta não é uma sessão de votações, mas é uma sessão de registro em Anais, de transmissão pela TV do Parlamento, como também pela *TV UnB*, que está presente.

As Comissões, os grupos de trabalho, os debates são uma dinâmica riquíssima do modelo contemporâneo de cidadania participativa, que, na Constituição, representou pensar uma sociedade em que o poder emanado do povo é também por ele diretamente exercido nos diálogos que se estabelecem com os Poderes. Até o Supremo Tribunal se abriu a esses diálogos em debates e audiências.

Mais um registro: o agradecimento de tantas e quantas condições, possibilidades e oportunidades nesses debates em que a universidade está presente pela *expertise* de seus pesquisadores e pela capacidade de assessoramento de seus pesquisadores no diálogo e na construção dos projetos. É raro o dia em que uma Comissão está reunida — e olhe que as Comissões têm até disposição terminativa para definição de projetos — e, havendo uma reunião, nela não esteja presente, participando com depoimentos ou aconselhamentos, um especialista, professor ou servidor da UnB.

Quero agradecer também essa dimensão de reconhecimento que o Parlamento faz, antecipando o significado desse modo de valorizar uma instituição entre outras. Somos uma das 59 universidades federais, mas somos uma entre tantas que, por sua singularidade e historicidade, tem um passado para aboná-la e um futuro para projetar diálogos futuros.

Então, quero agradecer muito todas as intervenções e ressaltar o sacrifício realizado pelos fundadores já mencionados. Há pouco, estava presente a filha de Perseu Abramo, um daqueles excluídos no banimento de 1965, Laís Abramo, Diretora da OIT no Brasil. Esse sacrifício dá a dimensão até do martírio, como o de Honestino e de ex-alunos, que também devem merecer de todos nós o tributo, porque também pagaram com o preço da vida, Paulo de Tarso Celestino e Ieda Delgado, que estão no panteão da universidade. Já não eram estudantes, mas foi a trajetória deles de estudantes que os levou à condição de militância e ao tributo das próprias vidas. Paulo de Tarso foi Presidente da FEUB.

Quero dizer para todos que a UnB sai engrandecida, honrada e cada vez mais comprometida com esta confiança que o Parlamento nos oferece e também sinaliza um futuro pelo qual possamos nos honrar.

O Senador Cristovam destacou a presença pacificadora e ungida de Ademar Sato e também do Prof. José Carlos Brandi Aleixo, nosso Pe. Aleixo, filho de Pedro Aleixo. Juntando os dois, a UnB pode, quase profeticamente, dizer que guarda suas convicções, que não abre mão delas, que trava um bom combate, uma boa luta, e que, diferentemente do profeta, não encerra sua carreira, prossegue nela. Ela tem o impulso de uma tradição milenar que inspira as universidades, das quais ela haure sua alma *mater* e o impulso, que é de futuro. É uma carreira longa que, aqui e agora, reafirmamos como compromisso de cidadania e compromisso civilizatório.

Muito obrigado a todos que subscreveram o requerimento e sobretudo ao Congresso Nacional por esta sétima sessão solene conjunta, em comemoração aos 50 Anos de Fundação da Universidade de Brasília.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Nós é que agradecemos à UnB não só pelo que ela faz, mas por estar presente aceitando esta homenagem.

Esta homenagem é daquelas que, ao oferecê-la, terminamos recebendo-a pela presença da UnB.

Antes de encerrar, lembro que aqui está também o Prof. Carlos Fernando Mathias de Souza, o Prof. Coutinho, o Prof. Nielsen e o Prof. Bermudas. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Com a palavra o Senador Wellington Dias.

**O SR. WELLINGTON DIAS** (PT-PI. Pronuncia o seguinte discurso.) - Sr. Presidente, sei que está para ser encerrada a sessão, mas eu não poderia deixar de somar a voz do Piauí à voz de tantos, na pessoa de V.Exa., do Reitor José Geraldo e de outros professores.

São muitas as pessoas da minha terra que ali trabalharam como professor, mas principalmente foram alunos. E tenho o privilégio de ter minha filha aprovada em vestibular na UnB, para cursar arquitetura.

Quero, modestamente, colocar-me também como parte da bancada desta importante universidade do nosso País, a UnB.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Com a palavra o Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (PT-RS. Pronuncia o seguinte discurso.) - Senador Cristovam Buarque, em razão da hora, eu havia aberto mão da minha fala — e, como sou o primeiro orador inscrito para a outra sessão, o meu discurso será sobre a UnB —, permita-me, porém, apenas dizer que a UnB, para mim, é uma universidade revolucionária.

Quando falamos em revolução, há quem se lembre de armas, mas a UnB é revolucionária e corajosa do mesmo sentido que foi Jesus Cristo, no sentido do saber, da inteligência, da formação, da visão além de seu tempo. Por isso foi a primeira universidade federal a aplicar a política de cotas.

Acompanhei, cada minuto e a cada passo, o sofrimento, a angústia e a dor de se fazer algo que é quase a verdadeira abolição do povo negro — e o Supremo não haverá de negá-la nesta quarta-feira. Há de mostrar ao País que a UnB estava certa, que liberdade, igualdade e justiça passam por momentos como esse da política de cotas e do PROUNI. Enfim, o meu discurso eu farei depois.

Por ora, apenas repito: a UnB é uma universidade revolucionária e corajosa. Se eu pudesse, neste momento, pedir algo ao Brasil, seria: bata palmas de pé, porque a UnB merece!

(*O Plenário, de pé, aplaude demoradamente.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Devemos ao Senador Paulo Paim a melhor maneira para encerrar uma homenagem: todos, de pé, aplaudindo.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF.) - A Deputada Perpétua Almeida e o Deputado Policarpo encaminharam discursos para serem publicados na forma do art. 230 do Regimento Interno do Senado, primeiro subsidiário do Regimento Comum.

Serão S.Exas. atendidos.

**A SRA. PERPÉTUA ALMEIDA** (Bloco/PCdoB-AC. Sem apanhamento taquigráfico.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quando foi inaugurada, há 50 anos, a Universidade de Brasília tinha 413 alunos,

distribuídos nos cursos de Direito, Administração, Arquitetura e Urbanismo, Letras Brasileiras e Economia.

Hoje, A UnB comemora seu cinquentenário com 27.643 estudantes matriculados em 105 cursos de graduação — além de 8.913 em 147 cursos de pós-graduação. E ainda chega aos 50 anos com 5 mil pesquisadores.

Em 50 anos, a UnB cresceu e não apenas no número de alunos, mas também em sua área de alcance. A universidade tem *campi* nas cidades de Planaltina, Ceilândia e Gama e o atual Reitor, José Geraldo de Sousa, já fala na construção de uma nova unidade, no Paranoá.

Notamos por estes dados e números que o sonho de pensadores como o antropólogo Darcy Ribeiro, e educadores como Anísio Teixeira e João Calmon, que desejo homenagear neste momento, grandes homens visionários, corajosos e destemidos, inspiradores, vemos que o sonho deles deu certo. A UnB floresceu.

A história da UnB é de luta, se confunde com a história do Brasil. Ela foi uma das principais instituições de combate à Ditadura militar, teve seu *campus* invadido por militares e resistiu, criou mártires, heróis como Honestino Guimarães, que inspiram até hoje os lutadores pela liberdade e pela democracia.

A UnB resistiu aos tempos negros da ditadura e floresceu como um dos maiores exemplos de democracia, liberdade e qualidade de ensino. A UnB demonstra que o ensino público, gratuito e de qualidade é possível, é viável no Brasil. Que o sonho de Darcy e a luta de Honestino não foram em vão.

A universidade surgiu como um modelo de conhecimento autônomo, interdisciplinar e de diálogo entre todas as áreas do saber. Uma universidade libertária por vocação. Um modelo de universidade nova, de um conhecimento que não fosse narcisista, mas que pudesse se transformar em compromisso social.

Queria, em nome do Magnífico Reitor, José Geraldo, parabenizar todos os profissionais, estudantes, pensadores que fizeram da UnB uma das maiores instituições federais do Brasil. E mais uma vez, homenagear, o grande idealizador deste sonho, o Senador Darcy Ribeiro.

Desejamos que este modelo de universidade se perpetue por mais e mais gerações e forme os homens do futuro. Um futuro mais justo, desenvolvido e fraterno, como sonhou Darcy.

Muito obrigada!

**O SR. POLICARPO** (PT-DF. Sem apanhamento taquigráfico.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, um dos principais patrimônios da educação brasileira está comemorando 50 anos de existência.

A universidade que, de forma pioneira, reservou vagas para negros e índios, e que inovou com graduações a distância completa 50 anos de uma história repleta de significados e realizações.

A UnB fez história e se transformou em modelo nacional de educação de vanguarda.

Posso dizer, sem sombra de dúvida, que a UnB se tornou ao longo de sua trajetória a universidade que estava destinada a ser.

A universidade da pluralidade, da inclusão, da cidadania.

Uma universidade com compromisso social, cuja atuação extrapola os limites da sala de aula.

Uma universidade atuante e combativa em defesa da igualdade e da promoção social.

Uma universidade com alma experimental, com liberdade para criar, para ousar, para realizar.

Uma universidade que é mais, muito mais do que um conjunto de prédios.

Uma universidade que abriu as portas para negros, índios, estrangeiros, para brasilienses de todas as cidades do Distrito Federal, para o Entorno, para o Brasil e para o mundo.

Nessa comemoração é preciso ressaltar a UnB símbolo da resistência, que suportou e venceu a repressão da ditadura militar.

A UnB desafiou abertamente o autoritarismo, passando da clandestinidade para a liberdade de pensamento e ação.

Do clima de medo e tensão consolidou-se uma universidade democrática.

A UnB é uma universidade compromissada com a nação, com os alunos e professores, e com a sociedade.

Uma cinquentona com alma jovem, palco de invenções, inovações e descobertas.

A universidade das utopias que viram realidade, como a interdisciplinaridade.

A UnB não para de se reinventar e de contribuir para a construção não só da universidade, mas da educação que queremos para os nossos filhos.

A UnB é uma universidade que não para de crescer. O número de alunos que ingressaram no mestrado e no doutorado nos últimos dez anos aumentou quase 200%.

Hoje, a UnB oferece 63 cursos de mestrado; 53 de doutorado e 69 de especialização.

E o melhor de tudo é que a universidade está trabalhando para expandir com qualidade a noção de completude deslumbrada por Darcy Ribeiro.

Para comprovar isso, basta destacar que 87% dos professores da UnB têm doutorado e que ela está presente em mais cidades.

Os três novos *campi* da UnB — em Planaltina, Ceilândia e Gama — reforçam a ligação da universidade com o Distrito Federal, atuando como instrumento de aprimoramento e de valorização das cidades e da população de Brasília.

Uma universidade que investe não só em sua estrutura e em seu corpo docente, mas também em pesquisa.

Pesquisas que contribuem não só para o presente e o futuro de Brasília, mas do Brasil.

Aproveito a oportunidade para parabenizar o trabalho desenvolvido pelo atual Reitor, o meu amigo José Geraldo de Sousa Júnior, com quem tive a honra de desenvolver uma parceria de belos frutos quando eu estava no Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do Ministério Público da União no Distrito Federal, o SINDJUS.

A história do professor da Faculdade de Direito está diretamente associada à UnB.

O Direito Achado na Rua, expressão criada por Roberto Lyra Filho, e desenvolvida por José Geraldo, colaborou para que a UnB se aproximasse dos movimentos sociais.

Isso mesmo, a UnB realizou com sucesso o encontro do Direito com os Novos Movimentos Sociais, procurando encontrar o Direito na rua, no espaço público, nas reivindicações da sociedade.

José Geraldo vem construindo a UnB do futuro, dos próximos cinquenta anos, uma universidade democrática, humana, participativa.

A gestão de José Geraldo criou novos cursos, admitiu novos alunos.

Trabalhou durante esses quatro anos como reitor para que a universidade tivesse novos doutores, novos alunos, alunos de outras classes sociais.

Uma universidade que se espalha por outras cidades e no meio virtual.

A UnB é um espaço de construção de cidadania, que mantém uma relação estreita com a formação da cidade.

A universidade da rebeldia, da insistência de Darcy Ribeiro em construir uma instituição que pensasse os problemas do Brasil, chegou longe e fez bonito.

Quero parabenizar fundadores, alunos e ex-alunos, professores e funcionários que transformaram a UnB em uma referência não só em matéria de educação, mas de compromisso social.

Enche-me de orgulho e felicidade saber que a UnB é patrimônio vivo de cada brasiliense, de cada brasileiro, enfim, de cada um de nós que acredita no poder de transformação da educação.

Parabéns e vida longa à UnB! Que venham os próximos cinquenta anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Cristovam Buarque. PDT-DF) - Esta homenagem não termina agora. Amanhã, terça-feira, às 10 horas, haverá sessão solene na Câmara Legislativa do Distrito Federal em homenagem aos 50 anos da UnB, por iniciativa do Deputado Joe Valle.

Está encerrada esta sessão. (*Palmas.*)

(*Levanta-se a sessão às 14 horas e 17 minutos*)

## CONSELHOS

### CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70/1972)  
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato nº 1/1973-CN)

### COMPOSIÇÃO

**Grão-Mestre:** Presidente do Senado Federal

**Chanceler:** Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<b><u>PRESIDENTE</u></b> Marco Maia (PT/RS)	<b><u>PRESIDENTE</u></b> José Sarney (PMDB/AP)
<b><u>1º VICE-PRESIDENTE</u></b> Rose de Freitas (PMDB/ES)	<b><u>1ª VICE-PRESIDENTE</u></b> Marta Suplicy (PT/SP)
<b><u>2º VICE-PRESIDENTE</u></b> Eduardo da Fonte (PP/PE)	<b><u>2º VICE-PRESIDENTE</u></b> Waldemir Moka (PMDB/MS) <sup>1</sup>
<b><u>1º SECRETÁRIO</u></b> Eduardo Gomes (PSDB/TO)	<b><u>1º SECRETÁRIO</u></b> Cícero Lucena (PSDB/PB)
<b><u>2º SECRETÁRIO</u></b> Jorge Tadeu Mudalen (DEM/SP)	<b><u>2º SECRETÁRIO</u></b> João Ribeiro (PR/TO)
<b><u>3º SECRETÁRIO</u></b> Inocêncio Oliveira (PR/PE)	<b><u>3º SECRETÁRIO</u></b> João Vicente Claudino (PTB/PI)
<b><u>4º SECRETÁRIO</u></b> Júlio Delgado (PSB/MG)	<b><u>4º SECRETÁRIO</u></b> Ciro Nogueira (PP/PI)
<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> Jilmar Tatto (PT/SP) <sup>2</sup>	<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> Renan Calheiros (PMDB/AL)
<b><u>LÍDER DA MINORIA</u></b> Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB/SP) <sup>3</sup>	<b><u>LÍDER DA MINORIA</u></b> Jayme Campos (DEM/MT) <sup>4</sup>
<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u></b> Ricardo Berzoini (PT/SP) <sup>5</sup>	<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u></b> Eunício Oliveira (PMDB/CE)
<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u></b> Perpétua Almeida (PCdoB/AC) <sup>5</sup>	<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u></b> Fernando Collor (PTB/AL)

(Atualizada em 19.03.2012)

1- O Senador Waldemir Moka foi eleito 2º Vice-Presidente na sessão do Senado Federal de 16.11.2011.

2- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, o Líder do PT, Jilmar Tatto, responde pela Maioria daquela Casa Legislativa, de acordo com o art. 13 de seu Regimento Interno.

3- Conforme Of. nº 53/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 05/03/2012, que informa o atual quadro de lideranças e a relação das bancadas de partidos e blocos parlamentares daquela Casa Legislativa.

4- Senador Jayme Campos é designado Líder do Bloco Parlamentar da Minoria, conforme Of. s/n, lido na sessão de 9 de fevereiro de 2012.

5- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, que informa o atual quadro de Presidentes e Vice-Presidentes das Comissões Permanentes daquela Casa Legislativa.



## CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Criado pela Lei nº 8.389/1991)  
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1/2004)

**Número de membros:** 13 titulares e respectivos suplentes

### COMPOSIÇÃO

**Presidente:** \_\_\_\_\_

**Vice-Presidente:** \_\_\_\_\_

Lei nº 8.389/91, artigo 4º	Titulares	Suplentes
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

#### Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

**Telefone:** (61) 3303-4561 / 3303-5258

**E-mail:** scop@senado.gov.br

**Local:** Senado Federal, Anexo II, Térreo

**Endereço na Internet:** [www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=767&origem=CN](http://www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=767&origem=CN)

## **CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

(Criado pela Lei nº 8.389/1991)  
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1/2004)

### **COMISSÕES DE TRABALHO**

**01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA**

**02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL**

**03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA**

**04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO**

**05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO**

**Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)**

**Telefone:** (61) 3303-4561 / 3303-5258

**E-mail:** scop@senado.gov.br

**Local:** Senado Federal, Anexo II, Térreo

**Endereço na Internet:** [www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=767&origem=CN](http://www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=767&origem=CN)

## **REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL**

Resolução nº 1/2011-CN

### **COMPOSIÇÃO**<sup>1</sup>

**37 Titulares (27 Deputados e 10 Senadores) e 37 Suplentes (27 Deputados e 10 Senadores)**

**Presidente:** Senador Roberto Requião<sup>6</sup>

**Vice-Presidente:** Deputado Antônio Carlos Mendes Thame<sup>6</sup>

**Vice-Presidente:** Senadora Ana Amélia<sup>6</sup>

**Instalação:** 31.08.2011

### **Deputados**

<b>Titulares</b>	<b>Suplentes</b>
<b>PT</b>	
Benedita da Silva	Bohn Gass
Dr. Rosinha	Newton Lima
vago <sup>10</sup>	Sibá Machado
Jilmar Tatto	Weliton Prado
Paulo Pimenta	Zé Geraldo
<b>PMDB</b>	
Íris de Araújo	Fátima Pelaes
Marçal Filho	Gastão Vieira
André Zacharow <sup>9</sup>	Lelo Coimbra
Raul Henry	Valdir Colatto
<b>PSDB</b>	
Eduardo Azeredo	Duarte Nogueira <sup>3</sup>
Antonio Carlos Mendes Thame <sup>2</sup>	Luiz Nishimori <sup>3</sup>
Sergio Guerra	Reinaldo Azambuja <sup>3</sup>
<b>PP</b>	
Dilceu Sperafico	Afonso Hamm
Renato Molling	Raul Lima
<b>DEM</b>	
Júlio Campos	Marcos Montes <sup>4</sup>
Mandetta	Augusto Coutinho <sup>5</sup>
<b>PR</b>	
Paulo Freire	Giacobo
	Henrique Oliveira
<b>PSB</b>	
José Stédile	Antonio Balhmann
Ribamar Alves	Audifax
<b>PDT</b>	
Vieira da Cunha	Sebastião Bala Rocha
<b>Bloco PV / PPS</b>	
Roberto Freire (PPS)	Antônio Roberto (PV)
<b>PTB</b>	
Sérgio Moraes	Paes Landim
<b>PSC</b>	
Nelson Padovani	Takayama
<b>PCdoB</b>	
Manuela D'ávila	Assis Melo
<b>PRB</b>	
George Hilton	Vitor Paulo
<b>PMN</b>	
Dr. Carlos Alberto	Fábio Faria
<b>PTdoB</b>	
Luis Tibé <sup>8</sup>	

## Senadores

Titulares	Suplentes
<b>Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PMN / PSC / PV)</b>	
Pedro Simon (PMDB)	Casildo Maldaner (PMDB)
Roberto Requião (PMDB)	Waldemir Moka (PMDB)
Luiz Henrique (PMDB) <sup>7</sup>	Valdir Raupp (PMDB)
Ana Amélia (PP)	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)</b>	
Paulo Paim (PT)	Eduardo Suplicy (PT)
Inácio Arruda (PCdoB)	Humberto Costa (PT)
Antonio Carlos Valadares (PSB)	Cristovam Buarque (PDT)
	Magno Malta (PR)
<b>Bloco Parlamentar da Minoria (PSDB / DEM)</b>	
Paulo Bauer (PSDB)	
	José Agripino (DEM)
<b>PTB</b>	
Mozarildo Cavalcanti	Fernando Collor

(Atualizada em 16.3.2012)

1- Designados pelo Ato nº 28, de 2011, do Presidente da Mesa do Congresso Nacional, lido na sessão do Senado Federal de 15 de julho de 2011.

2- Designado para ocupar a vaga de titular do PSDB, nos termos do Of. nº 687/2011/PSDB, de 9-8-2011, lido na sessão do Senado Federal de 10-8-2011, em virtude da renúncia do Dep. Reinaldo Azambuja, conf. OF. nº 697/2011/PSDB, de 10-8-2011.

3- Designados para ocuparem as vagas de suplente do PSDB, nos termos do Of. nº 687/2011/PSDB, de 9-8-2011, lido na sessão do Senado Federal de 10-8-2011.

4- Designado para ocupar a vaga de suplente do DEM, nos termos do Of. nº 285-L-DEM/11, de 9-8-2011, lido na sessão do Senado Federal de 10-8-2011.

5- Designado para ocupar a vaga de suplente do DEM, nos termos do Of. nº 295-L-DEM/11, de 16-8-2011, lido na sessão do Senado Federal dessa mesma data.

6- Eleitos na Reunião Ordinária do dia 13/09/2011.

7- Designado para ocupar a vaga de titular do PMDB, conforme Ato do Presidente da Mesa do Congresso Nacional nº 9, de 2012, publicado no Diário Oficial da União de 27-3-2012, em virtude de o Senador Wilson Santiago não mais se encontrar no exercício do mandato.

8- Vaga cedida pelo PR.

9- Designado para ocupar a vaga de titular do PMDB, conforme Ato do Presidente da Mesa do Congresso Nacional nº 8, de 2012, publicado no Diário Oficial da União de 27-3-2012, em vaga existente em virtude do falecimento do Deputado Moacir Micheletto em 30-1-2012.

10- Em 15-3-2012, vago em razão do afastamento do Deputado Emiliano José (PT/BA).



### Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
<b>PT</b>	
Dr. Rosinha (PT/PR)	1. Dalva Figueiredo (PT/AP)
Marina Santanna (PT/GO)	2. Luci Choinacki (PT/SC)
<b>PMDB</b>	
Teresa Surita (PMDB/RR)	1. Elcione Barbalho (PMDB/PA)
Jô Moraes (PCdoB/MG) <sup>1</sup>	2. Fátima Pelaes (PMDB/AP)
<b>PSDB</b>	
Eduardo Azeredo (PSDB/MG)	1. Bruna Furlan (PSDB/SP) <sup>8</sup>
<b>PP</b>	
Rebecca Garcia (PP/AM)	1. Aline Corrêa (PP/SP)
<b>DEM</b>	
Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM/TO)	1. Rosinha Da Adefal (PTdoB/AL) <sup>5</sup>
<b>PR</b>	
Gorete Pereira (PR/CE)	1. Neilton Mulim (PR/RJ) <sup>2 e 4</sup>
<b>PSB</b>	
Keiko Ota (PSB/SP) <sup>7</sup>	1. Sandra Rosado (PSB/RN) <sup>7</sup>
<b>PDT</b>	
Sueli Vidigal (PDT/ES)	1. Flávia Moraes (PDT/GO)
<b>Bloco PV, PPS</b>	
Carmen Zanotto (PPS/SC)	1. Rosane Ferreira (PV/PR) <sup>6</sup>
<b>PTB</b>	
Celia Rocha (PTB/AL)	1. Marinha Raupp (PMDB/RO) <sup>3</sup>

**Notas:**

1- Vaga cedida pelo PMDB.

2- Vaga cedida pelo PR.

3- Vaga cedida pelo PTB.

4- Designado o Deputado Neilton Mulim, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), em substituição à Deputada Liliam Sá, conforme Ofício nº 503/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar PR/PTdoB/PRP/PHS/PTC/PSL, da Câmara dos Deputados.

5- Designada a Deputada Rosinha Da Adefal (PTdoB/AL), em 9-2-2012 (Sessão do Senado Federal), em vaga pertencente ao Democratas na Câmara dos Deputados, conforme Ofício nº 3/2012, da Liderança do Democratas.

6- Designada a Deputada Rosane Ferreira, em 15-2-2012 (Sessão do Senado Federal), em substituição ao Deputado Arnaldo Jordy, conforme Ofício nº 18/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar PV/PPS, da Câmara dos Deputados.

7- Designadas, em 15-2-2012 (Sessão do Senado Federal), a Deputada Keiko Ota, como membro titular, em substituição à Deputada Sandra Rosado, e a Deputada Sandra Rosado, como membro suplente, em substituição à Deputada Keiko Ota, conforme Ofício nº 4/2012, da Liderança do PSB, da Câmara dos Deputados.

8- Designada a Deputada Bruna Furlan, como membro suplente, em 5-3-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 71/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

## **MESA DO PARLAMENTO DO MERCOSUL**

**Presidente:** \_\_\_\_\_

**Vice-Presidente:** \_\_\_\_\_

**Vice-Presidente:** \_\_\_\_\_

**Vice-Presidente:** \_\_\_\_\_

**Secretário:** Antônio Ferreira Costa Filho

**Telefones:** (61) 3216-6871 / 3216-6878

**Fax:** (61) 3216-6880

**E-mail:** [cpmc@camara.gov.br](mailto:cpmc@camara.gov.br)

**Local:** Câmara dos Deputados – Anexo II – Sala T/28

**Endereço na Internet:** [www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms](http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms)

## COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA – CCAI

(Art. 6º da Lei nº 9.883/1999)

### COMPOSIÇÃO

**Presidente:** Deputada Perpétua Almeida  
**Vice-Presidente:** Senador Fernando Collor

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> Jilmar Tatto (PT/SP) <sup>1</sup>	<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> Renan Calheiros (PMDB/AL) <sup>2</sup>
<b><u>LÍDER DA MINORIA</u></b> Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB/SP) <sup>3</sup>	<b><u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u></b> Jayme Campos (DEM/MT) <sup>4</sup>
<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u></b> Perpétua Almeida (PCdoB/AC) <sup>5</sup>	<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u></b> Fernando Collor (PTB/AL)

(Atualizada em 29.03.2012)

#### Notas:

1- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, o Líder do PT, Jilmar Tatto, responde pela Maioria daquela Casa Legislativa, de acordo com o art. 13 de seu Regimento Interno.

2- Indicado Líder da Maioria, conforme expediente subscrito pelos líderes Renan Calheiros (PMDB), Eduardo Amorim (PSC), Francisco Dornelles (PP) e Paulo Davim (PV).

3- Conforme Of. nº 53/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 05/03/2012, que informa o atual quadro de lideranças e a relação das bancadas de partidos e blocos parlamentares daquela Casa Legislativa.

4- Senador Jayme Campos é designado Líder do Bloco Parlamentar da Minoria, conforme Of. s/n, lido na sessão de 9 de fevereiro de 2012.

5- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, que informa o atual quadro de Presidentes e Vice-Presidentes das Comissões Permanentes daquela Casa Legislativa.

#### Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

**Telefone:** (61) 3303-4561 / 3303-5258

**E-mail:** scop@senado.gov.br

**Local:** Senado Federal, Anexo II, Térreo

**Endereço na Internet:** [www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=449&origem=CN](http://www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=449&origem=CN)

## **COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO**

(Requerimento nº 1, de 2012-CN)

Requer a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, composta por 15 (quinze) Senadores e 15 (quinze) Deputados e igual número de suplentes, para, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar práticas criminosas do senhor Carlos Augusto Ramos, conhecido vulgarmente como Carlinhos Cachoeira, desvendadas pelas operações 'Vegas' e 'Monte Carlo', da Polícia Federal, nos termos que especifica.

- **Leitura:** 19-4-2012
- **Designação da Comissão:**
- **Instalação da Comissão:**
- **Prazo final da Comissão:**



## COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO

(Requerimento nº 4, de 2011-CN)

Requer a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, composta por 11 (onze) Senadores e 11 (onze) Deputados e igual número de suplentes, para, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar a situação de violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência.

**Leitura:** 13-7-2011

**Designação da Comissão:** 14-12-2011

**Instalação da Comissão:** 8-2-2012

**Prazo final da Comissão:** 19-8-2012

**Presidente:** Deputada Jô Moraes  
**Vice-Presidente:** Deputada Keiko Ota  
**Relatora:** Senadora Ana Rita

### Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Ana Rita (PT/ES)	1. Humberto Costa (PT/PE)
Marta Suplicy (PT/SP)	2. Wellington Dias (PT/PI)
Lídice da Mata (PSB/BA)	3. Pedro Taques (PDT/MT)
Angela Portela (PT/RR)	4. <sup>6</sup>
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PSC / PMN / PV)	
<sup>2 e 8</sup>	1.
Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM) <sup>3 e 4</sup>	2.
	3.
	4.
Bloco Parlamentar da Minoria (PSDB / DEM)	
Lúcia Vânia (PSDB/GO)	1.
Maria do Carmo Alves (DEM/SE)	2. José Agripino (DEM/RN)
PTB	
Armando Monteiro (PTB/PE)	1. Gim Argelo (PTB/DF) <sup>7</sup>
PSOL <sup>1</sup>	
<sup>5</sup>	1.

#### Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designada a Senadora Ivonete Dantas, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 3/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.

3- Cedida uma vaga de membro titular ao Bloco de Apoio ao Governo, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 2/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.

4- Designada a Senadora Vanessa Grazziotin, em 21-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 149/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo.

5- Em 28-12-2011, vago em virtude de a Senadora Marinor Brito ter deixado o mandato.

6- Em 2-3-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 034/2012-GSMC, do Senador Marcelo Crivella, comunicando seu afastamento do mandato, para exercer o cargo de Ministro de Estado da Pesca e Aquicultura, nos termos do inciso II do art. 39 do Regimento Interno do Senado Federal.

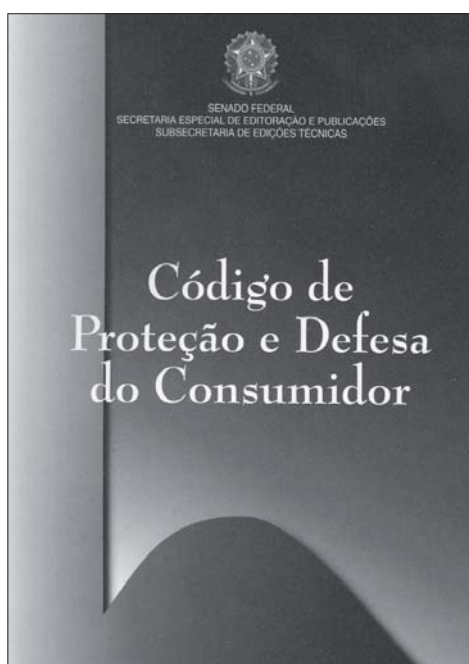
7- Designado o Senador Gim Argelo, em 13-3-2012 (Sessão do Senado Federal), em substituição ao Senador João Vicente Claudino, conforme Ofício nº 050/2012/GLPTB, da Liderança do PTB, no Senado Federal.

8- Vago em razão da reassunção do 1º suplente, Senador Garibaldi Alves, em 4-4-2012.



**SENADO FEDERAL**  
Secretaria Especial de Editoração e Publicações  
Subsecretaria de Edições Técnicas

## **Código de Proteção e Defesa do Consumidor**



Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e legislação correlata. Inclui dispositivos constitucionais pertinentes, vetos presidenciais, legislação correlata e completo índice temático.

## **Estatuto da Criança e do Adolescente**



Lei nº 8.069, de 1990, acrescida de legislação correlata e atos internacionais relativos ao tema criança e adolescente.

**Conheça nossa livraria virtual, acesse:**  
**[www.senado.gov.br/livraria](http://www.senado.gov.br/livraria)**



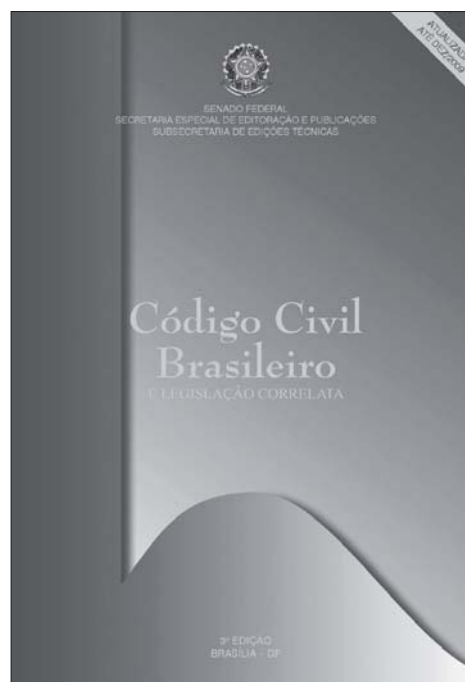
**SENADO FEDERAL**  
Secretaria Especial de Editoração e Publicações  
Subsecretaria de Edições Técnicas

## **Constituição da República Federativa do Brasil**



Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações introduzidas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6 e demais emendas constitucionais.

## **Código Civil Brasileiro e Legislação Correlata**



Texto da Lei nº 10.406/2002, sua respectiva Exposição de Motivos e farta legislação pertinente ao tema, comentários doutrinários e súmulas de jurisprudência.

**Conheça nossa livraria virtual, acesse:**  
**[www.senado.gov.br/livraria](http://www.senado.gov.br/livraria)**

Secretaria Especial de  
Editoração e Publicações – SEEP

SENADO  
FEDERAL

